

PREFÁCIO

É mais difícil suportar reconhecer o pior de nós, que dispor-se a buscar nosso melhor. Mas sem a força para entender e aceitar nossa intrínseca miséria, a disposição para o bem esmorece, pois nada como motivos concretos para mantê-la firme e forte. Em resumo, não há prática do bem separada da consciência do mal, razão por que, ao longo dos últimos 4 anos, não foram raras as edições da Esmeril dedicadas ao exame de fatos e coisas ruins, sem as quais nosso autoconhecimento evidentemente não poderia avançar. Por isso, nessa compilação de artigos que traz ao nosso encontro o melhor de nós, você encontrará, leitor, tanto a inspiração para agir bem e produzir beleza, como a necessária vacina com relação às trapaças com as quais, não raro, já nos enganamos em algum momento da vida.

O objetivo dessa edição em ebook é oferecer aos leitores e admiradores da Revista Esmeril recordações especiais. Que personalidades já foram contempladas na breve história dessa revista? Que tipo de ser-humano já elogiamos? Quais são os modelos que apresentamos como horizontes da conduta desde os primórdios, até o presente? Que traços da alma humana despertam entusiasmo genuíno em toda e qualquer pessoa? Por outro lado, que comportamentos, trapaças e invencionices encaramos como pesadelos? O quão fundo no poço rumo ao inferno podemos chegar? Para contemplar essas perguntas, agrupei 17 textos especialmente bons em três capítulos pensados sob medida para reuni-los.

O primeiro capítulo reúne celebrações de personalidades únicas a atitudes aparentemente comuns, mas profundamente nobre. O que é ser gente, afinal? Eis algo que ficará claro após a leitura do Perfil de Sócrates; a escuta de uma Entrevista com Roberto Mallet a respeito do escritor Gustavo Corção, cujo único romance ele adaptou para o teatro; um breve Ensaio sobre o eterno rival da covardia; um Diálogo sobre a analogia entre santos e heróis, uma Homenagem a pessoas que a merecem e, finalmente, um Conto sobre o cerne da decência genuína.

O segundo capítulo deste livro eletrônico versa a centralidade de criações sublimes na vida de todos nós, razão por que contemplamos inúmeros frutos da síntese entre imaginação humana e realidade concreta. Para começar, sugerimos que releia nosso artigo sobre o gênio do Humor que foi Chico Anysio; não pule a construção de um estereótipo, pensada através de um Perfil do célebre pirata Barba Negra; conheça, por meio de uma Entrevista, o talento do azulejista Jesus Fernandes; divirta-se descobrindo a história do melhor whiskey americano, Jack Daniel's, notável Patrimônio dos apreciadores da arte chamada destilaria; entenda o que a invenção da família Addams, fenômeno da arte popular, tem a ver com curvas inesperadas na História do cristianismo; aprecie um Conto sobre um dia na vida de um anônimo que ajudou a assentar pilares e colunas da maravilha arquitetônica que é o Coliseu de Roma.

Por fim, o convite ao autoconhecimento, parte dolorosa de nossa busca pelo melhor de nós, agrega algumas trapaças confessas realizadas pelos ardis humanos e sobre-humanos. Uma lição etimológica sobre o termo “golpe” (segundo a cultura comunista, claro) é seguida por um brilhante Ensaio evocando o Lúcifer de Milton e os redutos infernais de Dante para delinear a face perene da mentalidade revolucionária. Se Conversar é pensar junto, veja lá o que acontece quando um lacerdista e um getulista entram num bar; pensamento sincero ou oposição gratuita? Eis um texto que revela muito sobre a maior miséria nacional – nossa história política. Por fim, recomendamos uma seleção de obras da Sétima arte para ajudar você a reconhecer até que ponto tem a alma livre de delírios, encerrando com um Conto sobre as últimas consequências de uma tentação que nos domina.

O melhor de nós, leitor, envolve a nítida compreensão de nossa intrínseca miséria, sem perder nunca a consciência da nossa inclinação permanente à transcendência, cujos frutos fazem brilhar, no tempo, os vislumbres de eternidade volta e meia descobertos ao longo desta vida.

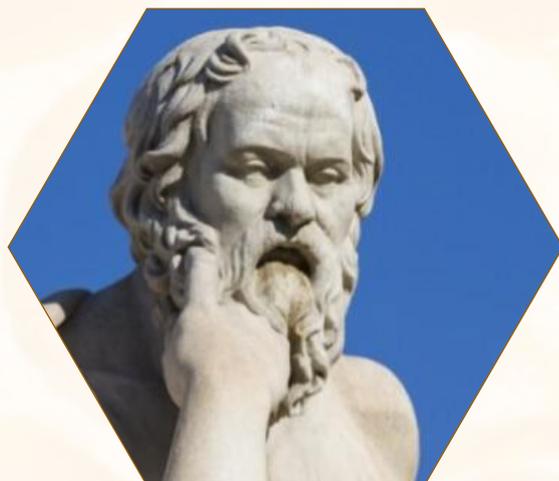
É sempre boa a leitura temperada de recordações. Portanto, aproveite o melhor de nós, colunistas de sua revista digital de cultura, enquanto relê aquele artigo que você sempre quis “recortar”, para guardar na pasta de recordações.

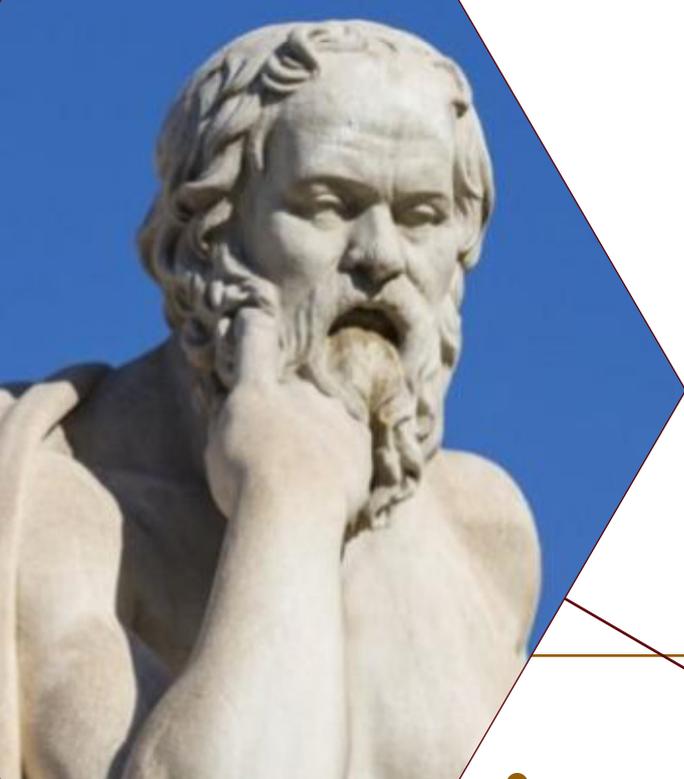
ÍNDICE



O QUE É SER GENTE?	4
Sócrates, matriz e mártir da Filosofia	
<i>Bruna Torlay</i>	5
Roberto Mallet, um tradutor de horizontes	
<i>Bruna Torlay</i>	11
Da covardia e seu rival	
<i>Bruna Torlay</i>	12
Santos e Heróis	
<i>Paulo Sanchotene</i>	14
Anjos entre nós: voluntários a serviço do próximo	
<i>Leônidas Pellegrini</i>	16
À direita	
<i>Leônidas Pellegrini</i>	19
CRIAÇÕES SUBLIMES	21
E agora, você vai rir de quê?	
<i>Lobo</i>	22
Barba-Negra: a construção de um estereótipo	
<i>Vitor Marcolin</i>	27
Entrevista com o azulejista Jesus Fernandes	
<i>Leônidas Pellegrini</i>	30
Jack Daniel's – Quando envelhecer é fundamental	
<i>Lobo</i>	32
A Família Addams	
<i>Vitor Marcolin</i>	35
Falta no trabalho	
<i>Vitor Marcolin</i>	39
TRAPAÇAS CONFESSAS	40
Golpe	
<i>Bruna Torlay</i>	41
Paraíso Rejeitado	
<i>Marcelo Gonzaga</i>	42
Um Lacerdista e um Getulista entram num Bar...	
<i>Paulo Sanchotene</i>	46
Luzes, câmera, revolution!	
<i>Bruna Torlay</i>	49
Miocárdio	
<i>Vitor Marcolin</i>	53

O QUE É SER GENTE?





Sócrates, matriz e mártir da Filosofia

BRUNA TORLAY

Quando descobrimos que Sócrates foi condenado à morte pela cidade de Atenas, tendo sido quem foi e ensinado o que ensinou, somos levados a pensar no incômodo que a liberdade produz. A liberdade de dizer a alguns obcecados por ostentar pompa e exigir reverência o quanto são imbecis. Esse grau de liberdade parece ter sempre custado caro.

O crime de Sócrates foi não ter reverenciado homens – em especial os idiotas. O agravante, ter professado por que motivos o fazia, ensinando outros a fazê-lo também. A estrutura de poder ateniense foi abalada, vejam só, por palavras e demonstrações. De coisas evidentes, diga-se de passagem. Resolveram sacrificá-lo diante de todos, apontando o destino de quem ousasse segui-lo. Ao invés de se dar um fim àquela prática, viu-se o alvorecer dos pilares da filosofia: Platão e Aristóteles. Outras escolas os seguiram. E o fenômeno nunca mais desapareceu do mundo, o que nos obriga a reconhecer que Sócrates estava redondamente certo e seus desafetos eram mesmo imbecis.

O escultor do aprimoramento moral

Sócrates não era aristocrata. Nasceu em Atenas de um escultor, chamado Sofroniscos, e de uma parteira, de nome Fainareté. Herdou, como era costume, o trabalho do pai, à época entendido como arte menor, manual, por não se contar entre as artes liberais, aquelas que educam o espírito e expandem a inteligência. Essa primeira experiência, o ofício de entalhar a pedra, se converteria em analogia na boca do Sócrates maduro. Como conta Diógenes Laércio:

“Ele expressava geralmente perplexidade diante do fato de os escultores de estátuas de mármore se esforçarem por transformar o bloco de mármore à semelhança perfeita de um homem, ao passo que nada fazem em relação a si mesmos com o objetivo de não se tomarem simples blocos de pedra”.

Diógenes Laércio. Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres

A certa altura, um cidadão chamado Crítias o tiraria da oficina, “cativado pelo encanto de sua alma”, e Sócrates viria a ser discípulo do filósofo Anaxágoras. Deste primeiro professor herdaria a inclinação para irritar os atenienses – Anaxágoras foi processado e chegou a ser condenado à morte antes de Sócrates, sendo posteriormente perdoado por interferência de Péricles –, uma vez que não fez sua a tradição dos hoje chamados “pré-socráticos”, e à época, “físicos”.

“Convencido de que o estudo da natureza nada tem a ver conosco, Sócrates passou a discutir questões morais na praça do mercado, e costumava dizer que o objeto de suas indagações era o que se faz em casa de mal ou de bem”.

Diógenes Laercio. Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres

Se não inaugurou no mundo a própria filosofia, meditação profunda sobre problemas fundamentais, certamente fundou a Ética, prática da filosofia centrada na reflexão quanto aos problemas humanos fundamentais. A tal ponto esse modelo vingou que redefine a abrangência da filosofia, tornando a física, ou estudo da natureza, uma vertente sua, em vez de tronco principal. Posteriormente, o próprio Aristóteles, herdeiro de Platão e renomado cientista que revisou todas as contribuições ao estudo da natureza legadas pelos filósofos anteriores a Sócrates, submete a Física à Metafísica, lendo o entendimento das leis que regem matéria e movimento como menores na ordem do ser, cujo cerne é alcançado pela inteligência humana, objeto, portanto, de interesse primordial.

Sócrates foi o primeiro filósofo especialmente interessado em discutir a vida. Se algo de Anaxágoras o inspirou neste caminho, talvez tenha sido o princípio fundamental de ordenação da matéria, a que deu o nome de “espírito”. Segundo Diógenes Laercio, Anaxágoras foi:

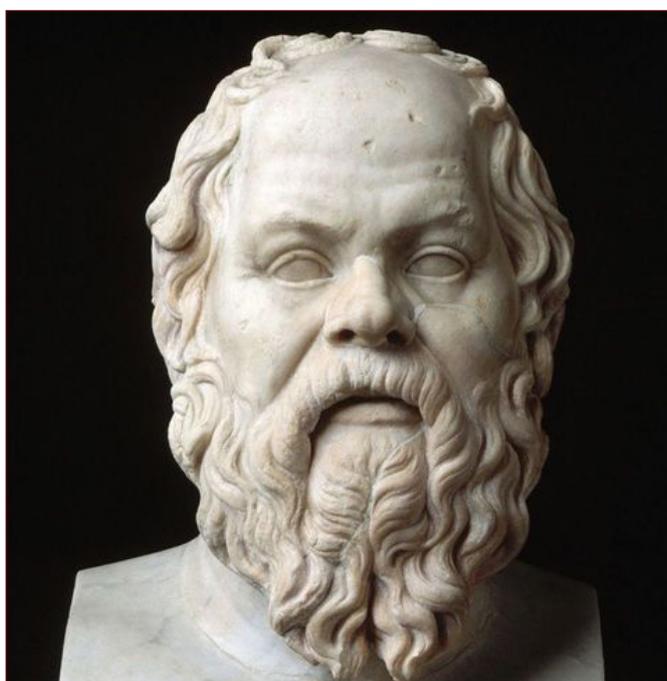
O primeiro a pôr o espírito (nous) acima da matéria (hyle); com efeito, o início de sua obra, composta numa linguagem agradável e elevada, é o seguinte: “todas as coisas estavam juntas; depois veio o espírito e as pôs em ordem.

Diógenes Laercio. Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres

Caberia a Sócrates, por sua vez, ser o espírito em busca da ordem mais apropriada aos costumes, tendo sido o ser-humano sua matéria de meditação primária.

Simbiose entre discurso e conduta particular

Os filósofos que antecederam Sócrates eram profundamente respeitados na Grécia, mundo onde o conhecimento era venerado, e não desprezado, como ocorre entre nós. Ainda assim, a tolice corriqueira de quem não se conhece e mede o próximo com a régua de si mesmo afetava o juízo sobre os sábios. Daí a famosíssima anedota da loucura de Demócrito. O sábio de Abdera vivia solitariamente, entretido com suas meditações – entre as quais algumas versando a insanidade dos homens, o que desencadeava nele gargalhadas, a cada confronto com mesquinhas e delírios de toda espécie. Claro que o povo não lia assim. Tinham certeza de que essas gargalhadas só poderiam ser sinal de loucura. E chamam o médico Hipócrates para diagnosticar o sábio perdido. O final da história é um Hipócrates, outro sábio grego, plenamente convencido de que o problema não estava em Demócrito...



Sócrates era conhecido por assemelhar-se aos Silenos, figuras mitológicas.

Os sábios gregos tinham condutas afinadíssimas com o discurso que proferiam. Buscavam a verdade? O modo de exprimir essa inclinação não poderia ser em comportamentos hipócritas com quem os cercava, certo? Uns e outros se ressentiam. No caso de Sócrates, o fato desse homem, que nunca escreveu porque prezava e defendia o ensinamento oral, interrogar de modo arguto qualquer interlocutor, mantendo serenidade até ao ser esmurrado em virtude de sua inusitada franqueza, custaria caro a certa altura de sua vida. Mas a cicuta que o levou foi precedida por outras demonstrações de animosidade:

Freqüentemente sua conversa nessas indagações tendia para a veemência, e então seus interlocutores golpeavam-no com os punhos ou arrancavam os cabelos; na maior parte dos casos, sócrates era desprezado e ridicularizado, mas tolerava todos esses abusos pacientemente. Incidentes desse tipo chegaram a tal ponto que certa vez, suportando com a calma habitual os pontapés que recebera de alguém, a uma pessoa que manifestou admiração por sua atitude o filósofo respondeu: “se eu recebesse coices de um asno levá-lo-ia por acaso aos tribunais?”

Diógenes Laercio. Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres

Um traço presente em Demócrito e inserido para sempre na filosofia desde que Sócrates viveu para ela foi o humor, a sátira, esse modo agri-doce de lidar com os componentes mais ridículos em nós. Sócrates não apenas satirizava a tolice alheia, mas ria de si mesmo ao ver-se feito em piada pelo gênio de Aristófanes, por exemplo. Basta ler a peça “As Nuvens” para conhecer a verve cômica do dramaturgo que inspirou a comédia no ocidente. Antes de Horácio, o poeta latino, se tornar célebre pelo adágio *ridendo castigat mores* (rindo se castiga os costumes), conta Diógenes Laercio como Sócrates:

“Costumava dizer que as pessoas deviam expor-se espontaneamente às invectivas dos poetas cômicos, pois satirizando nossos defeitos eles nos corrigem, e se não os tivermos não seremos atingidos. Quando xantipa o injuriou pela primeira vez e o encharcou com água, sócrates comentou: “eu não disse que a trovoada de xantipa acabaria em chuva?”

Diógenes Laercio. Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres

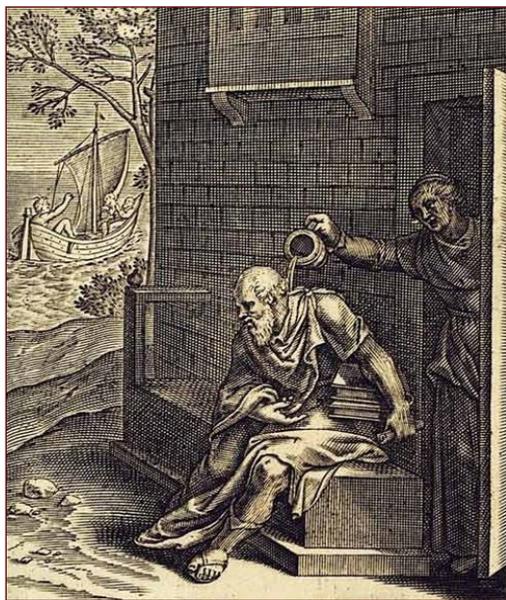
Buscar a verdade não era um assunto de vaidades incensadas. A dialética minuciosa de Sócrates demonstra a dificuldade da tarefa. E tudo o que é difícil afeta o emocional dos soberbos e imaturos – que em termos de efetividade em abuso do poder, por outro lado, dão banho em qualquer filósofo iniciante... Ateniense de nascimento e coração, e entusiasta da liberdade, negou toda atitude que contrariasse suas convicções:

Seu ânimo forte e seus sentimentos democráticos evidenciam-se em face de sua recusa em ceder diante de críticas e de seus colegas quando lhes ordenaram que trouxesse o rico lêm de salamina à presença dos mesmos para ser executado, e posteriormente pelo fato de somente ele ter votado a favor da absolvição dos dez generais; além disso, quando teve oportunidade de escapar da prisão, negou-se a fazê-lo e repreendeu severamente os amigos que lamentavam seu destino; naquela ocasião, embora estivesse agrilhado, lhes dirigiu seus discursos mais memoráveis.

Diógenes Laercio. Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres



A morte de Sócrates, obra do pintor neoclássico francês Jacques Louis David (1787).



Sócrates e Xantipa, esposa conhecida por seu gênio forte. Gravura de Otho Vaenius (1607)

É pra lá de conhecida a sua história com o jovem Alcibíades, o mais belo dentre os jovens que o seguiam. Está no diálogo Banquete, de Platão, o elogio que faz o jovem de Sócrates, encerramento brilhante do mais perfeito diálogo sobre o amor já produzido na história da literatura. O filósofo que ensinava os jovens a moderar as paixões deu-lhes também o exemplo de como fazê-lo. Diferentemente do que contam as más línguas, Platão preferia, a exemplo de Sócrates, a conversão do desejo em amizade, quanto ao convívio entre homens maduros e jovens. É conhecida a relação entre efebos e homens feitos na antiguidade. Mas no círculo filosófico, não era bem visto. Exprimia a imoderação por excelência, o servir-se de jovens por homens barbados. Foi a amizade depurada e casta que Sócrates ensinou ao jovem Alcibíades, assim como a muitos outros. O princípio da austeridade perpassava, aliás, todas as esferas de sua vida:

Ele era capaz de desdenhar quem o ridicularizasse, e se orgulhava de sua vida simples e de jamais haver aceito recompensa de ninguém; costumava dizer que apreciava principalmente o alimento que requeria o mínimo de temperos, que considerava mais agradável a bebida que não lhe despertava a vontade de beber mais, e que estava mais próximo dos deuses pelo fato de ter o mínimo de necessidades.

Conhece-te a ti mesmo

A busca em se conhecer o auxiliou a fazer o mesmo pelos próximos. Se foi tão respeitado na cidade, apesar dos incômodos que também suscitou, era porque se dedicava a prestar atenção aos erros e às vocações que o cercavam. Em casa e fora dela.

Quando seu filho lamprocles estava fortemente agastado com a mãe, sócrates o fez sentir-se envergonhado de si mesmo, como afirma xenofonte num trecho de suas obras. E sócrates, vendo gláucon, irmão de platão, deseioso de entrar na política, dissuadiu-o dessa intenção, de acordo com o testemunho de xenofonte, por causa de sua inexperiência; ao contrário, encorajou carmides a dedicar-se à política, considerando-o bem dotado para essa atividade

Diógenes Laercio. Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres

Quanto a ele próprio, filósofo que era, não escondia seu apreço pelo lazer, isto é, o desfrutar de seu tempo livre em meditação permanente, permeada pela conversação feita para cultivar em si e no próximo a busca pela verdade nascida do amor ao conhecimento. Esse modo de vida nada tinha em comum com o cortejo de pompas ou o desprezo da adversidade.

Ele louvava o lazer como a mais bela possessão, de acordo com xenofonte em seu banquete. Em sua opinião, existia apenas um bem – o conhecimento – e apenas um mal – a ignorância. Riqueza e nobreza de nascimento não conferem dignidade a quem as tem; ao contrário, trazem somente mal. Havendo-lhe dito alguém que a mãe de antístenes era trácia, sua réplica foi: “pensavas que um homem tão nobre podia ter nascido de pai e mãe atenienses?” Sócrates deu ordens a críton para resgatar fédon que, aprisionado em tempo de guerra, estava reduzido à condição degradante de escravo, conquistando-o assim para a sua filosofia.

Diógenes Laercio. Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres

Admirado ou pedra no sapato permanente, Sócrates era da cidade e se fazia servo dela. Por isso, diria, não fugiu à prisão e bebeu a cicuta. Viveu para os amigos e concidadãos. Esse grau de despreendimento e nobreza marcariam a filosofia, que não se tolera instrumento de coisas transitórias, mas caminho em direção ao bem supremo. Daí a implicância de Sócrates com os sofistas, aqueles professores de retórica que ensinavam o manejo do discurso a fim de direcionar emoções para se vencer causas na tribuna. O persuadir alguém sobre a verdade era da filosofia; o persuadir juízes a condenar ou absolver a parte interessada era dos sofistas. A retórica, ou arte de persuadir por meio da beleza e habilidade de mover emoções, tem sido desde o princípio um bem comum a ambas. Afinal, os relativistas também amam o belo; só não têm em vista que ele é um aspecto da verdade, harmonizando-se, por isso, à perfeição com ela.

Júri popular, condenação e morte

Ironicamente, foi no celeiro dos sofistas, o tribunal da cidade, que Sócrates viu-se condenado. E por engenho dos vaidosos ressentidos, aqueles tipos humanos tão hábeis em abuso do poder. Mas parece que a verdade prevalece, e a atitude dos desafetos de Sócrates foi bem contada posteriormente. Explicando o processo que culminou na condenação de Sócrates, relata-se:

Ele era muito invejado, e mais ainda porque qualificava de estultos aqueles que se tinham em alto conceito, como por exemplo anitos. Com efeito, anitos não tolerou ser ridicularizado por sócrates, e foi o primeiro a insuflar contra ele aristófanos e seus amigos; mais tarde ajudou a persuadir meletos a acusá-lo sob a alegação de impiedade e de corrupção da juventude. A acusação foi apresentada por meletos, e polieucto pronunciou o libelo.

O autor do discurso foi o sofista polícrates, como diz hermipos (alguns autores afirmam que foi ânitos). O demagogo lícon incumbiu-se de todos os preparativos necessários. Antistenes, em sua sucessão dos filósofos, e platão, em sua apologia, dizem que houve três acusadores – ânitos, licon e mêletos – anitos foi o porta-voz do ressentimento dos artífices e políticos, licon dos retóricos e meletos dos poetas (todas essas classes tinham sido satirizadas por sócrates). Sócrates é culpado de recusar-se a reconhecer os deuses reconhecidos pelo estado, e de introduzir divindades novas, e é também culpado de corromper a juventude. Pena pedida: a morte.

Diógenes Laercio. Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres

Nem nos últimos momentos a serenidade satírica de Sócrates o deixaria. O que torna um ser humano autêntico é a constância de seu temperamento e de seus modos, sobretudo nos momentos de tensão e adversidade, os quais tendem a desarranjar almas de menor polimento. No Fedro, tido por primeiro diálogo de Platão, Sócrates rivaliza com um belo discurso de Lísias, lido pelo interlocutor que dá nome ao escrito. E o supera com um discurso muito superior. Lísias que foi tido como um brilhante orador à época, ao lado de nomes como Isócrates e Demóstenes... A recapitulação do julgamento de Diógenes Laercio termina com a graça que deu-lhe o condenado:

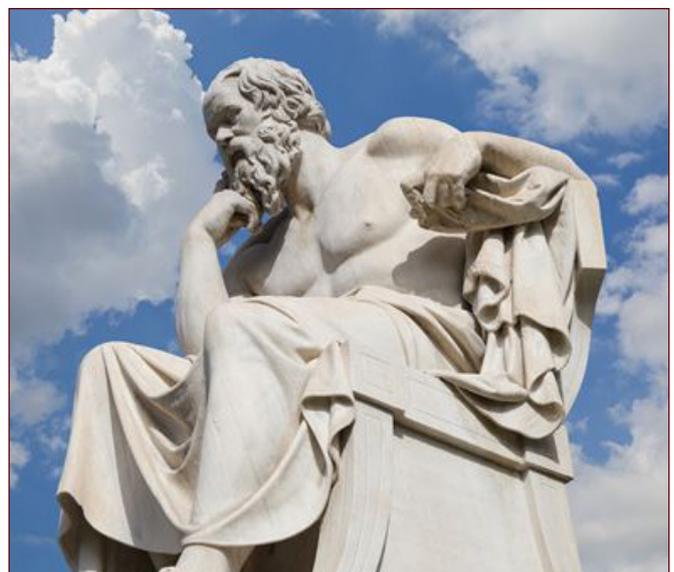
Depois de ter lido toda a sua defesa escrita por lísias, o filósofo declarou:

- *Um belo discurso, lísias, mas não é adequado ao meu caso.*
- *Se se trata de um belo discurso, como pode faltar-lhe adequação ao teu caso?*
- *Ora: belos mantos e calçados não me seriam também inadequados?*

Diógenes Laercio. Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres

Passado algum tempo de sua condenação à morte, os atenienses viriam a se arrepender. A cidade ergueria em sua honra uma estátua em sinal de arrependimento. Se tivesse se exilado em vez de ter acatado a dose de cicuta, teria Sócrates deixado à cidade a esperança de vencer, ainda que postumamente, o seu erro crasso? Sócrates talvez não tivesse essa dúvida, e certo de que o aprendizado permanente era o bem mais valioso ao ser-humano, viu-se honrado em propiciá-lo a nós através do maior dos sacrifícios.

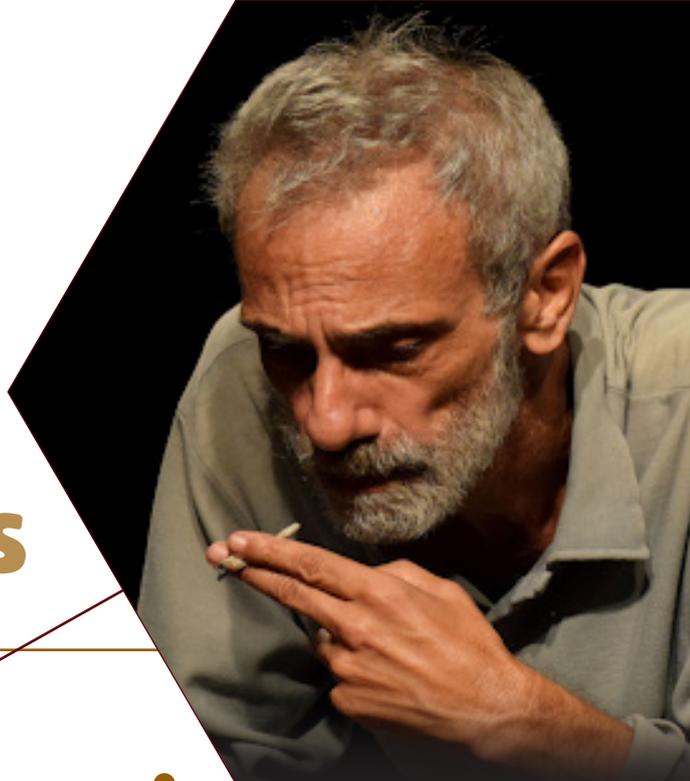
O filho da parteira que trazia à luz ideias, não do ventre, mas das almas dos homens, foi também o parteiro do tipo peculiar de conduta a que, ainda hoje, nomeamos filosofia.



A estátua de Sócrates em frente ao edifício da Academia nacional, pelo escultor italiano Piccarelli

Roberto Mallet, um tradutor de horizontes

BRUNA TORLAY



A nova edição de *Lições de abismo*, único romance do filósofo e escritor Gustavo Corção, publicado originalmente em 1950, traz um posfácio assinado pelo ator, diretor e tradutor Roberto Mallet, que transpôs a obra para o teatro em 2001 e ainda hoje a encena.

“É a peça de minha vida”, diz repetidamente ao longo da entrevista ora concedida à revista Esmeril. No posfácio para a edição da Vide, relata:

“(…) Quando o li em 1997, além desse sentimento de receber uma carta de um amigo, esse livro era também a resposta para um problema em que estava envolvido há seis anos: a criação de um espetáculo solo, como ator”.

G. Corção. *Lições de abismo*. Posfácio, p. 320

Transpor o romance em peça teatral possível, e encenar a adaptação desde então, em inúmeros espaços e atos de sua vida, faz de Mallet um tradutor duplo e permanente da tradução que fez Corção, por sua vez, de seu pensamento em obra de arte – uma vez que o romance pode ser caracterizado como “uma espécie de versão ficcional de **A descoberta do outro**”.

Com o propósito de trazer à tona as facetas diversas do ofício da tradução, na literatura e na arte dramática, traduzi, por minha vez, o romance de Corção em pretexto para entender melhor como Roberto Mallet pensa, sente e traduz onexo entre arte e realidade tanto para si como para o próximo.

Assista à entrevista na íntegra em nosso canal:





Da covardia e seu rival

BRUNA TORLAY

Todos os adversários da restauração política em curso, tão almejada pela maior parte dos brasileiros, identificados ao longo deste número, são irrelevantes perto do inimigo íntimo mais lastimável: **a covardia**. É ela que motiva os piores comportamentos políticos que dia após dia notamos ao redor. Digo “ao redor” porque “em sociedade” é um termo genérico que afasta o vizinho, o parente e o amigo próximo do significado abstrato e nebuloso que lhe atribuímos.

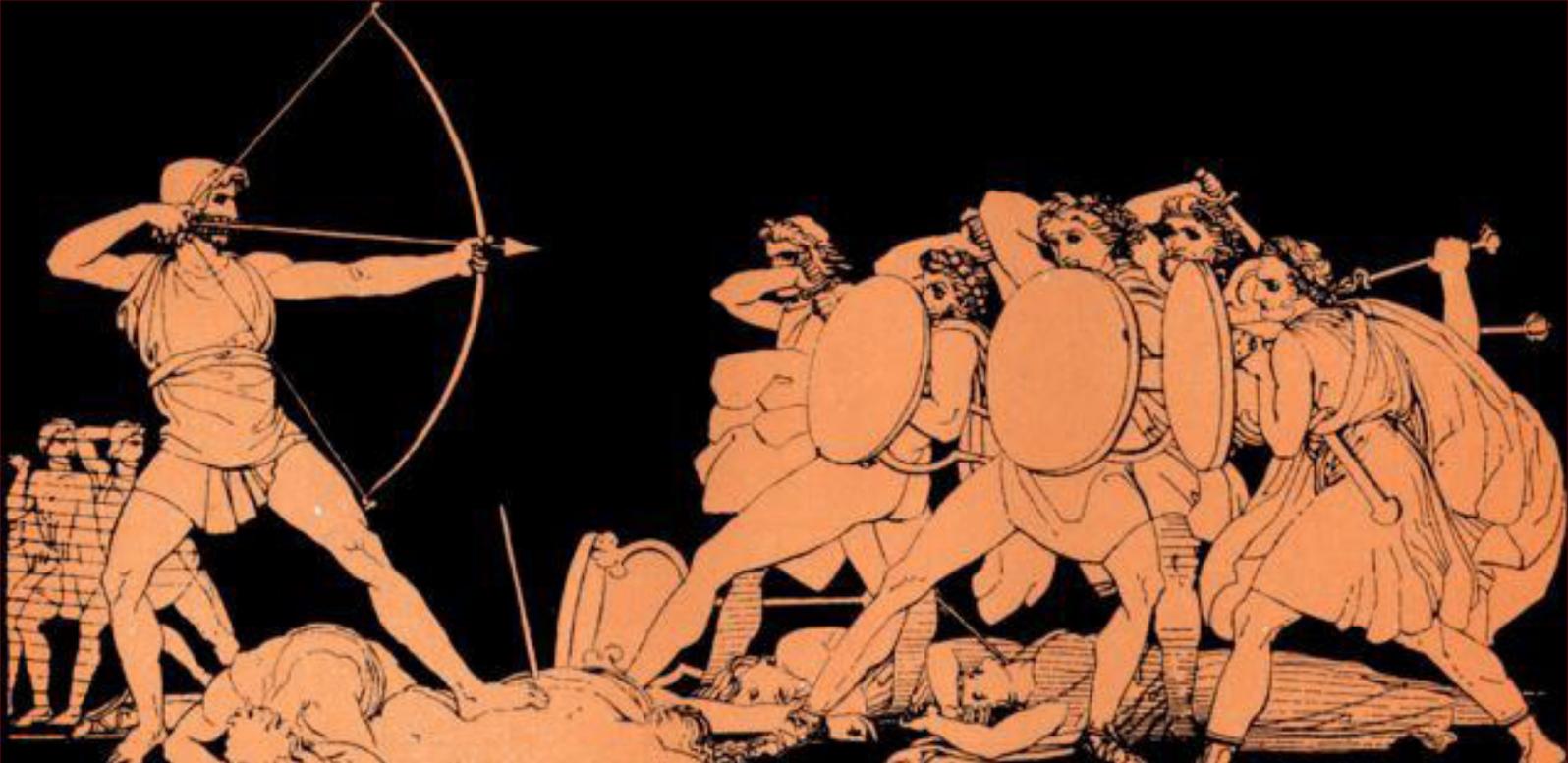
Mas a covardia tem um rival, persistente no mundo na pele dos *heróis*.

Hoje sabemos que há poucos heróis por aí. O temperamento heróico é *uma disposição permanente de afirmar sua força (de vontade e de caráter) diante de inimigos maiores e, à primeira vista, intransponíveis*. Uns e outros parecem heróicos, até perder o ânimo de exibir a aparência de força de caráter que, no íntimo, não possuem.

Heróico foi Ulisses, uma década preso no mar mediterrâneo, perdendo a cada aventura parte de sua tropa, a certa altura capturado por uma feiticeira; depois acolhido, já naufrago, por uma ninfa de beleza incomparável numa ilha paradisíaca. Tanto entre monstros que ladeavam os altos rochedos de um estreito, quanto no leito de uma ninfa que o paparicava, Ulisses nunca perdeu de vista a sua meta: voltar para casa. Não estava atrás de um paraíso descolado do mundo; apenas cansado de guerrear ou aventurar-se longe da *terra natal*, cerne de *sua vida*.

O quinto canto da **Odisséia**, a epopéia de Homero sobre a saga de Ulisses, retrata a batalha final do herói grego contra Possêidon, o deus dos mares que o castigou por uma década após o término da guerra de Tróia. Deixando, finalmente, a ilha de Calipso numa jangada fabricada com o auxílio da ninfa, o herói enfrenta uma tempestade violenta quando se vê, finalmente, quase em terra firme. A vela se rasga, a balsa se quebra e as ondas, movidas pela raiva de Possêidon, arremessam Ulisses contra os rochedos da costeira. Por auxílio divino (Atena o protege), não tem o corpo destroçado na derradeira briga contra o deus do oceano; alcança a foz de um rio; nada aos trancos e barrancos até a margem e se arrasta para fora da água, tão exausto que adormece sob a primeira árvore que surge.

Do sexto canto em diante, Ulisses em pessoa, na terra de Alcínoo, dirá quem era, como foi parar na Feácia, onde esteve nos últimos dez anos e para onde, afinal, se dirigia. Em síntese, define-se “um homem” e revela “estar de retorno à sua casa”. Ulisses era de Ítaca, uma pequena ilha, e esperava retornar a Penélope, a esposa que deixou ao nascimento de seu único filho, Telêmaco, quando Agamemnon, rei dos atreus, o convocou à guerra de Tróia. Ao pisar novamente o solo pátrio, o fará disfarçado de mendigo, já que inúmeros homens disputavam sua esposa, visando apoderar-se de sua propriedade. E será preciso, ainda, bolar estratégias para derrotá-los.



Ulisses combate inimigos em Ítaca, após ter retornado à sua propriedade

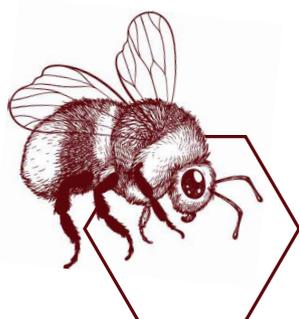
Por dez anos, guerreou em Tróia, definindo a vitória dos gregos com o truque do cavalo de madeira. Por outros dez, foi um juguete do deus do oceano, irritado por não ter recebido do herói uma oferenda, antes que ele e seus marinheiros embarcassem. Único sobrevivente de sua tropa, foi acolhido por uma ninfa num paraíso particular, lugar que em nada o desafiava e todos os confortos lhe dava de bandeja. Ulisses não era um deus para viver de néctar e sombra; mas um homem com família, propriedade e governo para tocar. Até recuperar as únicas coisas que podia chamar de suas, brigou, literalmente, com Deus e o mundo, fazendo valer sua força de vontade – exprimindo, no gesto, liberdade.

Ser um refém num paraíso só pode ser um sonho para gente covarde. Heróis personificam a coragem e o motor desta virtude é, simplesmente, não desistir da realidade, que imbui sua vida de sentido. O de Ulisses estava em Ítaca.

Onde está o seu?

Nenhum adversário ou inimigo, que mereceu nas seções desta edição o seu retrato, é páreo para a **coragem**, melhor amiga dos **homens livres**, cuja **força de vontade e de caráter** são, por natureza, **imbatíveis**. *Atena*, matriz da astúcia, da sabedoria e do combate, nunca os deixa na mão.

A vida política, plenamente humana, é mesmo um constante fazer jangadas, naufragar e seguir nadando. Não seja por isso... Vamos em frente!



Santos e Heróis

PAULO SANCHOTENE



Personagens: Ideu e Alterina

Cenário: sala de casa, casal conversa enquanto acendem a lareira.

– CENA –

[Ideu] Bem que poderíamos acender a lareira hoje. Está frio e é noite de São João.

[Alterina] Ótima idéia, se bem que não entendo essa devoção cristã aos santos.

[Ideu] Hahahahaha! Excelente dúvida! Essa devoção é mais católica que cristã; os protestantes têm dificuldade com o conceito.

[Alterina] Tudo bem. Que seja. Continuo sem entender do mesmo jeito.

[Ideu] Mas tu vês que é difícil. Até entre os cristãos é confuso.

[Alterina] Mas para ti não é confuso.

[Ideu] Não creio que deveria haver confusão, mas fica mais complexo porque, para variar, há muito preconceito e desinformação em relação ao assunto. Umberto Eco teria dito que o que atrapalha o filósofo Tomás de Aquino é o fato de ser santo.

[Alterina] Mas é que quando se fala em santo se imagina alguém perfeito!

[Ideu] Longe disso. Agostinho mesmo escreveu um livro inteiro sobre suas imperfeições.

[Alterina] Sério? Qual?!

[Ideu] Confissões.

[Alterina] Hahahaha! Nunca tinha me atido direito ao título.

[Ideu] Mas justamente! O que há para confessar se não nossos erros? Inclusive tem um famoso relato de ele ser convidado a um bacanal e pensar “Senhor, dai-me a castidade; mas não agora!”

[Alterina] Bah! Sensacional!

[Ideu] Santidade só tem a ver com perfeição como algo que se almeja, mas isso não significa que todos os santos sejam perfeitos. São paradigmas de excelências. Perfeito, mesmo, só Cristo; mas Ele é Deus. Não conta. Não é São Jesus Cristo, certo?

[Alterina] Certo. Mas se são paradigmas de excelência, o que faz dos santos algo diferente dos heróis gregos, por exemplo? Os milagres?!

[Ideu] Acho que o papel dos heróis e dos santos é exatamente o mesmo; e temos heróis até hoje. Não faz muito li uma biografia sobre Witold Pilecki, um militar polonês que se voluntariou para ir preso a Auschwitz. Ele é certamente um mártir polonês, um herói nacional; mas poderia muito bem tornar-se um santo. Bastaria a igreja reconhecê-lo. Porém, mesmo que não reconheça, ele merece ser reverenciado como um paradigma de excelência.

[Alterina] Te entendi, mas se santos e heróis são equivalentes, qual a necessidade dos santos?

[Ideu] Para quem não é católico, nenhuma. Pode-se chamar do que quiser. Só não se pode ficar com pé atrás, como fez ou apontou o Umberto Eco. Seria uma pena se o fato de alguém como Pilecki se tornasse santo acabasse pesando contra ele. Por que Santa Joana D'Arc mereceria menos reverência por ser santa?

[Alterina] Ela é santa?!

[Ideu] Sim! Santa Joana D'Arc!

[Alterina] Boh! Não sabia.

[Ideu] Agora sabes...

[Alterina] Pois o que leva alguém a ser considerado santo?

[Ideu] Até alguém ser reconhecido como santo oficialmente existe todo um processo, com diversas etapas. Os milagres só são levados em conta nas últimas. Basicamente, santo é definido como alguém que teve uma vida heroicamente virtuosa, ofereceu sua vida a outrem, foi martirizado devido à fé, ou [é 'ou'; não, 'e'] seja digna de imitação.

[Alterina] É bem parecido com o herói.

[Ideu] É. A diferença é que uma pessoa extremamente caridosa pode estar no mesmo nível de um Aquiles. É uma contribuição cristã ao que tomamos como paradigma de excelência.

[Alterina] Mas não substitui.

[Ideu] De forma alguma. Aliás, da mesma forma que o herói, o santo pode virar santo por um ato. É como no verso de Faroeste Caboclo: "João de Santo Cristo era santo porque sabia morrer". Tem algo muito de verdade nisso.

[Alterina] Mas é mais que isso, não?

[Ideu] Sim. Como no caso dos heróis, os santos nos mostram caminhos. O objetivo é que cada um nós os imitemos de forma a nos tornarmos pessoas melhores.

[Alterina] Paradigmas servem para serem seguidos. Os santos e os heróis são exemplos de que podemos ser mais do que homens. Era comum os heróis gregos serem semideuses, inclusive.

[Ideu] Isso. Exatamente isso. "Ser mais do que homens". Nem tinha pensado nisso. Perfeito!

[Alterina] Ah! Te entendi, então. Agora, essa conversa... Esse frio. Bem que poderíamos abrir um vinho!

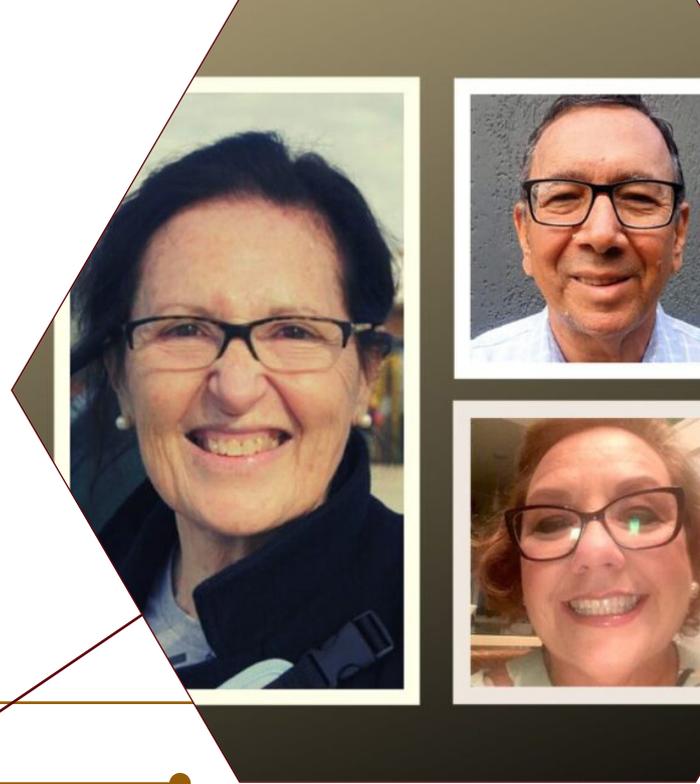
[Ideu] Certamente! Baita idéia. Mas acho que o primeiro gole, como se faz tradicionalmente, deve ir para o santo!

[Alterina] Hahahahaha! Verdade! Busca lá a garrafa para nós. Quero continuar aqui na frente do fogo.

[Ideu] Claro. Volto já!

Anjos entre nós: voluntários a serviço do próximo

LEÔNIDAS PELLEGRINI



Em 2014, vivendo em Campinas, numa época em que eu passava por uma profunda crise espiritual, conheci uma iniciativa que ajudou muito em minha recuperação: a Sopa dos Pobres, do Santuário Maria Desatadora dos Nós, coordenada por **Maria do Carmo Martinez Motta**, ou como a chamávamos, Dona do Carmo.

Essa senhora, que se revelou um verdadeiro Anjo em meu caminho, me mostrou, nas mais diversas misérias de tantos moradores de rua que atendíamos semanalmente, a Face sofrida de Nosso Senhor em tantos irmãos, que me mostravam que meus sofrimentos eram muito menores do que eu podia imaginar diante do deles e do d'Ele mesmo. Levar alimento, roupas, itens de higiene àquelas pessoas, rezar com elas, conversar, escutá-las, era algo que as confortava, mas acima de tudo, confortava a mim próprio. Talvez por isso Dona do Carmo sempre os tenha chamado de “meus Anjos queridos, meus Anjos da rua”. Afinal, eram eles que nos transformavam, nos faziam enxergar nossa pequenez e nossas misérias, e nos ajudavam a ser pessoas melhores por meio do amor a Deus na figura do próximo.



Quando nossa editora Bruna Torlay mencionou que o tema desta edição seria Anjos, depois de muito meditar sobre que matérias eu produziria, pensei em abordar o serviço voluntário, e me lembrei da Dona do Carmo. Em forma de entrevista, conversei com ela e mais dois ex-colegas da Sopa, **Carmella Carvalho** e **Marcos Antônio de Oliveira**, e acabei transcrevendo suas respostas em forma de depoimentos.

Nestas três comoventes falas, em comum fica evidente que a essência do voluntariado é o amor a Deus e ao próximo. Além disso, estes três Anjos entre nós (porque o são) nos deixam o convite: doem-se a seus irmãos; sirvam; e amem.

Maria do Carmo

Agradeço a oportunidade de vocês estarem me ouvindo. Trabalho com serviço voluntário já há 60 anos. Sempre me preocupei em cuidar daqueles que estão na rua. Inicialmente, procurei dar alimentação, mas com o tempo vi que apenas isso não bastava. Eu precisava entrar mais na vida de cada um dos que eu atendia, trabalhar também para atender às suas necessidades físicas, sua saúde, sua higiene pessoal, ajuda-los, muitas vezes, no retorno às suas famílias. Eu os tratava e trato até hoje como meus queridos Anjos da Guarda, que eu gosto de chamar de meus Anjos das Ruas.

Hoje, alimento da melhor forma possível, semanalmente, uma média de duzentas pessoas que estão na rua, os meus Anjos da Rua, como eu disse. É desses Anjos que muitas vezes recebemos lições de carinho e de amor, aquele “obrigado” – muitos sem os dentes, mas mastigando aqueles pedaços da carne com tanta satisfação.

Procuo levar a essas pessoas, sempre, a presença divina, o quanto é bom estarmos estendendo para eles. O meu desejo é que eles também compartilhem esse amor com seus amigos, que dormem aos seus lados, que têm frio. Que dividam as cobertas, que dividam a Palavra que receberam.

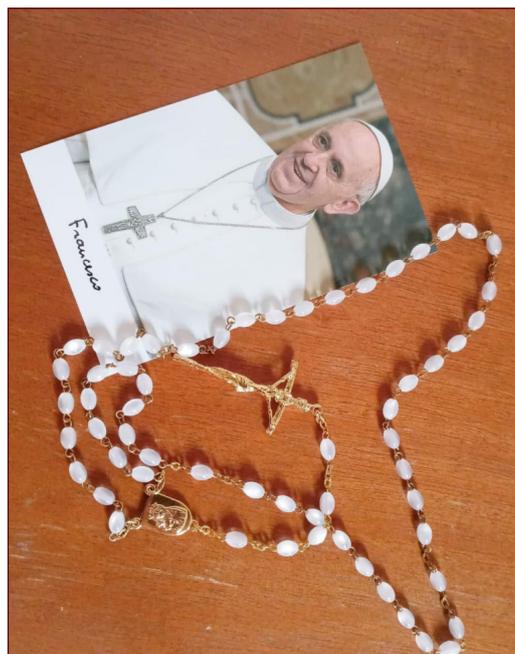
Uma coisa eu garanto a vocês: a satisfação maior existe na minha pessoa, no meu coração, em estar ajudando essas pessoas que tanto precisam de uma mãe, de um ente querido. Procuo dar isso a eles. Sei que a gente não substitui uma mãe, nem uma família, mas me declaro como uma mãe sem fronteiras.

Agradeço novamente a todos vocês por esta matéria, e desejo que o amor ao próximo possa ser acrescentado cada dia mais de uma pessoa para outra, de forma que essa bondade possa restabelecer também a bondade do próximo, e que o próximo também siga fazendo essa corrente de amor, de restabelecimento espiritual.

Carmella

Comecei a servir como voluntária há muitos anos. Meu primeiro trabalho foi junto a uma escolinha que cuidava de crianças com múltiplas deficiências.

Depois de uns 15 anos, conheci o projeto da Dona Maria do Carmo, de distribuição da sopa para os moradores de rua, me encantei e comecei a trabalhar com eles esporadicamente – eu não era aposentada ainda, então, passava por lá quando tinha tempo e ajudava com esse pouco tempo de que dispunha.



Presente do Papa Francisco enviado a Dona Maria do Carmo, em 2020, em reconhecimento de sua missão apostólica

A rotina do trabalho voluntário tem que ser sempre a mesma, sempre igual: a predisposição para ajudar. Todas as vezes em que a gente se reúne, a gente procura cada um, dentro do seu papel e da sua tarefa, contribuir ao máximo. Vale dizer que o trabalho no projeto também nos ajuda a sermos pessoas melhores.

Minha rotina no trabalho da sopa envolve a arrecadação de recursos, também carregar caixas, ajudar a limpar o piso, embalar a sopa, entregar na Casa da Cidadania, organizar a distribuição de roupas que nos são doadas, entre outras coisas.

Todo trabalho voluntário coloca em dúvida a sua disponibilidade, o seu tempo: “Será que tenho tempo suficiente para estar a serviço e uma comunidade, de uma projeto?” Só que no voluntariado, você distribui o seu tempo e seus talentos a serviço do outro, para melhorar este mundo.

Eu, particularmente, às vezes tenho a necessidade de me afastar, porque estou viajando, estou em outro lugar. Mas sempre volto ao projeto quando volto a Campinas. E o que me faz sempre voltar é a consciência de que o combate à fome, o trabalho com a segurança alimentar de tantas pessoas, é algo urgente. Além disso, eu sinto que, ali, fazendo parte de um grupo de pessoas de bom coração e servindo a quem precisa, eu também me meloro. Cada encontro em que sou voluntária é uma ocasião memorável.

Também sinto o trabalho voluntário como uma vocação. Olho para mim e me pergunto: “O que eu vim fazer neste mundo?” e a resposta é: “Servir”. Estou aqui para compartilhar com os demais, com o próximo, aquilo que aprendi em minha vida. É uma dádiva trabalhar como voluntária.

Não costumo misturar o trabalho voluntário com questões religiosas, mas posso afirmar, pela minha experiência, que é algo que nos aproxima de Deus na atitude de se doar ao próximo, e é algo que nos melhora.

Uma mensagem que gostaria de deixar para os leitores é que toda pessoas deveriam dividir um pouco do seu tempo e do seu talento e coloca-los a serviço da comunidade. Seja como um síndico, ou cuidando do meio ambiente, fazendo uma pintura em uma escola, enfim. A gente participar do desenvolvimento das nossas comunidades é algo muito digno, que enriquece nosso papel neste mundo e nos deixa mais felizes, nos torna pessoas melhores.

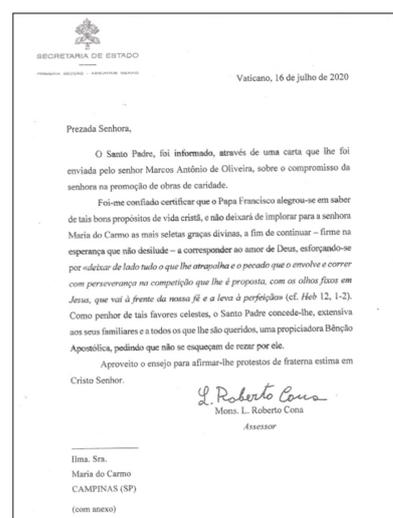
Marcos Antônio

Sou casado e pai de 4 filhos maravilhosos. Trabalho como corretor imobiliário. Iniciei o voluntariado em 2014, e decidi seguir esse caminho porque conheci o trabalho desse ser humano maravilhoso, a Maria do Carmo. E ser voluntário me traz a oportunidade de conhecer outras pessoas, de ver sentido para minha existência, aprendendo e compartilhando habilidades através do amor.

Atualmente trabalho às segundas-feiras na sopa, na cozinha, processando alimentos. Também faço os temperos, como sal temperado e molho de pimenta. E estou sempre atento às necessidades dos que me procuram. Quero estar sempre disponível para o trabalho voluntário, pois isso me faz muito bem.

O ato de ser voluntário demanda trabalho e atitudes realizados com o coração, disponibilizar um tempo de sua vida para o próximo, sem esperar nada em troca. Promover a caridade, o amor, a solidariedade. Assim, nossas relações ficam em sintonia com o Reino de Deus, que foi anunciado por Jesus.

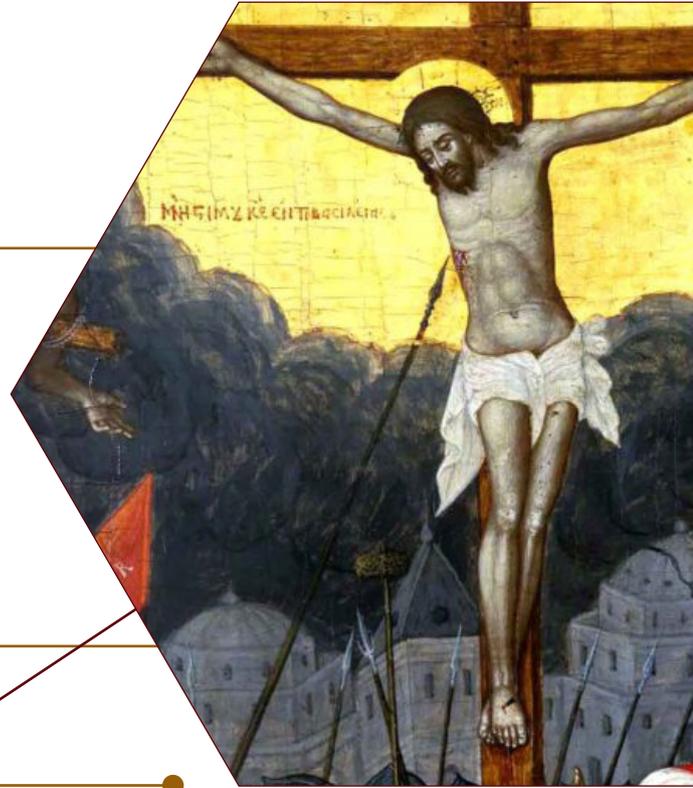
Para os leitores, eu digo: Se você tiver um tempo em sua vida, procure ser voluntário. Por uma causa que promova o bem-estar de pessoas, da sua comunidade. É uma relação de empatia e amor na sua vida.



Carta do Vaticano em congratulações a Dona Maria do Carmo

À direita

LEÔNIDAS PELLEGRINI



Inspirado na história de São Dimas, o bom ladrão

Já era o terceiro dia em que os malfeitores Gestas e Dimas suportavam o tormento da cruz. O primeiro, boquejando muito e sempre, maldizendo a própria sorte, seus algozes e Deus, queixando-se das dores e blasfemando, e a intervalos cada vez mais curtos, não obstante o quase sufocamento que a crucifixão causava. O outro, quase sempre calado, rememorava sua vida toda até o presente suplício, várias e várias vezes, tentando entender como e por que se enveredara por caminhos tão sombrios, sinceramente arrependido de seus erros.

É claro, as feridas do látigo nas costas, grudando e desgrudando do madeiro, os insetos pousando sobre aquelas chagas abertas, as dores musculares em todo o corpo, cada vez mais intensas, os pulmões que iam se enchendo de líquido e a cada vez mais insuportável falta de ar o atrapalhavam (isso sem falar nas reclamações ininterruptas de seu companheiro à esquerda), e ele precisava começar de novo, e de novo, a cada vez que as memórias se atrapalhavam. Mas a cada recomeço sua concentração parecia melhorar, e os detalhes no filme que se projetava em sua mente iam ficando mais nítidos, com novas cenas esquecidas, fatos para os quais ele havia dado pouca importância no decorrer da vida e que agora pareciam recobrir-se de nova luz.

Uma dessas lembranças remetia à sua primeira infância, e era a que mais se imprimia em seu pensamento. Acontecera quando ele ainda nem engatinhava, em uma estrada incerta em sua memória. Sua família viajava para algum lugar distante, no Oriente, e cruzara com outra que tomava caminho parecido. Havia na outra família um menino mais ou menos da mesma idade que a sua, pouca coisa mais novo, e enquanto as duas mães conversavam, ele e o outro pequeno haviam travado contato. O outro bebê o havia tocado de leve com sua pequenina mão, e aquilo causou-lhe uma alegria indescritível. Em sua linguagem de bebê, ele começou a gargalhar, e o outro o acompanhou, causando enorme deleite nas duas mães e em outros passantes aquelas gargalhadas gostosas dos bebezinhos. E então cada família seguiu seu caminho, e o pequeno Dimas rumaria para as trilhas perversas que o fariam chegar até ali, naquela cruz.

A lembrança daquele seu primeiro amigo ficaria amortecida, quase esquecida, até aquele momento, quando voltava cada vez mais viva. Dimas ia lembrando, inclusive, de cada detalhe do rosto daquele bebê, e sobretudo de seu sorriso, que o fazia também sorrir apesar das dores excruciantes. Por que lembrava-se tanto daquele fato, e em especial daquele sorriso? Não sabia, mas gostava, porque era o único alívio de que dispunha, e se apegava a ele.

Estava em um daqueles momentos em que as lembranças se atrapalhavam, e já tentando reordenar seus pensamentos, quando foi interrompido por alaridos que vinham da estrada. Um novo condenado vinha carregando seu madeiro e, fato estranho, acompanhado de uma multidão que vinha com choros e lamentos. Quando o prisioneiro se aproximou, Dimas espantou-se com seu estado: ele usava um manto vermelho, vinha com feridas cruentas por todo o corpo, completamente ensanguentado, o rosto desfigurado, e com uma coroa de espinhos cravada em sua cabeça. Ficou pensando que mal teria feito aquele homem para tamanho rigor em sua punição, enquanto observava os que o acompanhavam mais de perto. Um jovem muito triste, e algumas mulheres, uma das quais parecia ser sua mãe, desfeita em prantos. Teve pena da mulher, sentiu seu coração pequeno, oprimido, ao vê-la naquele estado, e também por lembrar das tristezas que dera para sua própria mãe, morta havia pouco, desgostosa pelo filho tão degenerado e perdido. Também se apiedou do condenado, que agora tinha suas mãos e seus pés perfurados por enormes pregos. Até mesmo o tagarela Gestas emudecera enquanto observava aquela crucifixão especialmente violenta. E foi enquanto erguiam a cruz do novo companheiro que, a um grito de angústia daquela mulher que sofria tanto, clamando o nome do filho, que os dois malfeitores descobriam enfim que era o desfigurado: Jesus.

Ambos já haviam escutado as muitas histórias que se contavam sobre um tal pregador nazareno que fazia muitos milagres, e que, diziam, era o enviado de Deus e Seu próprio Filho encarnado, mas nunca o tinham visto. Gestas não dava importância às histórias, para ele devia ser mais um de tantos magos charlatães que já conhecera, alguns aos quais já se associara mais de uma vez. Mas Dimas escutava todas as histórias com espanto e reverência, e em seu coração sentia mesmo uma grande vontade de um dia conhecer o tal nazareno. Pois bem, agora Ele estava ali ao seu lado, bem no meio entre ele e Gestas, que voltara a reclamar, xingar e blasfemar, urrando de dor a cada xingamento ou blasfêmia. Dimas, por sua vez, guardava o mais profundo silêncio, esgotado de dor e cansaço, olhando com o rabo do olho aquele homem que, ele sabia, era santo e não merecia estar ali. Mas foi então que, quando o encarnado malfeitor da esquerda, já exausto, sentiu que suas forças chegavam ao fim, resolveu escarnecer de Jesus, perguntando-lhe em tom de troça e cheio de ódio, por que afinal, sendo Ele o Messias, não salvava si próprio, o silencioso Dimas perdeu a paciência e bradou:

– Cala-te, homem! Cala-te já e de uma vez por todas! Não temes a Deus nunca, nem na hora de teu maior suplício? Nós recebemos o que merecíamos, porque somos maus e covardes, perversos, mas este ao nosso lado nada fez de mal! Cala-te!

E, voltando-se para Jesus, disse:

– *Senhor, lembra-te de mim quando entrares no Teu Reino!*

E Jesus respondeu-lhe:

– *Em verdade te digo: hoje mesmo estarás comigo no Paraíso.*

E assim se deu. Tempos depois, quando já nenhum dos três respirava neste mundo, Dimas via-se no Céu, sem feridas ou dores, sem falta de ar ou qualquer sofrimento, sentindo uma alegria imensa, infinita, e reconhecendo, enfim, no rosto adulto e não mais desfigurado de Jesus, que vinha abraçá-lo, aquele mesmo sorriso que tantas vezes rememorara antes do fim, o sorriso do seu primeiro amigo de infância.





CRIAÇÕES SUBLIMES



E agora, você vai rir de quê?

LOBO



Neste ano de 2022 se completam dez anos da morte de um dos maiores gênios do entretenimento que o Brasil produziu: **Chico Anysio**. A morte do consagrado humorista foi uma catástrofe, pois não ceifou a vida de um único homem, como levou junto outras 209 criaturas que também deixam muita saudade.

Nascido na cidade de Maranguape, município da região metropolitana de Fortaleza, no Ceará, Francisco Anysio de Oliveira Paula Filho, vulgo Chico Anysio, mudou-se para o Rio de Janeiro com sua família, ainda quando criança, após a empresa de ônibus de seu pai ter sido completamente destruída em um incêndio.

O menino que sonhava em ser advogado, acabou descobrindo na escola sua habilidade natural para o humor, especialmente na arte de imitar professores, colegas e figuras da cidade.

A brincadeira foi ficando séria e então, aos 17 anos de idade, foi trabalhar nas rádios como locutor, após ter ido excepcionalmente bem em um teste, no qual pegou o segundo lugar, perdendo para ninguém menos que Silvio Santos, por quem, aliás, Chico, até o fim de sua vida, sempre teceu os mais entusiasmados elogios.

Um fato bastante curioso é que num teste para ator de rádio, Chico tirou o sétimo lugar, enquanto a vencedora foi Fernanda Montenegro.

Com o sucesso nas rádios, Chico passou de ator/locutor a comentarista esportivo, além de escrever roteiros de programas de humor para a TV e diálogos para filmes, chegando inclusive a atuar em alguns.

O primeiro personagem criado foi o Professor Raimundo, que surgiu em 1952 na Rádio Mayrink Veiga, chegando na TV só cinco anos depois como escada para a comediantes Ema D'Ávila em "Aí Vem Dona Isaura", na TV Rio.



Chico Anysio e Nancy Wanderley, 1957. Créditos da imagem: Arquivo Nacional

Tamanha habilidade levou Chico a tornar-se diretor e criador de programas de humor da emissora, como "O Riso é o Limite" e "Praça da Alegria", no tempo em que toda a programação da TV era feita ao vivo.

Foi Carlos Manga, diretor com quem Chico havia trabalhado como roteirista de 18 chanchadas para a Atlântida, quem teve a ideia de fazer um programa com Chico e seus personagens, já que naquele momento havia surgido o "videotape", o que facilitaria o "dom da multiplicação", juntando num único programa todos os diversos personagens do multifacetado ator comediante.

Chico Anysio foi contratado pela Globo em 1969 e no ano seguinte estreava na emissora "Chico Anysio Especial", o programa mensal dirigido por Daniel Filho. O sucesso foi tão grande que pouco tempo depois nascia o "Chico City", desta vez um programa semanal responsável por tornar Chico uma das estrelas mais famosas e respeitadas da então poderosa emissora.

Exibido às sextas feiras, o programa com quadros e esquetes ambientados numa pequena cidade imaginária durou até 1980 e consagrou personagens icônicos como o ator canastrão Alberto Roberto, o mitômano coronel Pantaleão, o velho ranzinza Popó, o alcóolatra Tavares, o locutor Roberval Taylor, e tantos outros que ainda vivem no imaginário popular do brasileiro.

Como se não bastasse ser um ótimo locutor, redator e também ator e humorista, Chico alçou outros voos lançando livros, pintando quadros, fazendo shows de stand up (inclusive no Carnegie Hall em Nova York) e até compondo músicas de sucesso, como o "Hino dos músicos", composição em parceria com Chocolate e que acabou também se tornando o tema dos programas de Chico Anysio.



Mas como todo gênio que se preza, o humorista pensador e contestador não fazia duras críticas à sociedade apenas através de seus mágicos e eficientes personagens, mas também era provocador nas entrevistas, sempre deixando bem claro seu ponto de vista, independentemente de seguir na contramão do mainstream do qual ele fazia parte, algo raro de se ver nos dias de hoje, onde a lei é lacrar e fazer de tudo para se tornar parte da "beautiful people", inclusive deixar de pensar através de sua própria mente.

Talvez por isto Chico nunca tenha sido muito bem tratado pela imprensa, que sempre o incluía em confusões homéricas e mal entendidos, inclusive com colegas de profissão, como quando ao fazer uma crítica construtiva a Jô Soares, a imprensa deturpou a fala e causou um mal estar entre a dupla de comediantes, que se seguiu de longos anos de distanciamento entre ambos.

Talvez por isto Chico também nunca tenha se rendido ao quarto poder e sempre tratou jornalistas com elegância, mas nunca sendo submisso às vontades dos microfones e canetas ardilosas, tendo em vista uma das célebres declarações do humorista sobre a imprensa que o criticava:

“Quando eles passaram anos me chamando de gênio, tive a genialidade de não levar isso a sério, portanto não é agora que me chamam de idiota, que vou cometer a idiotice de acreditar.”

Ouso dizer que Chico não foi o maior humorista do país, e sim um dos maiores atores que o mundo já conheceu.

De extrema generosidade para com os seus, Chico foi talvez o homem de TV que mais empregou e deu oportunidades a comediantes novatos e veteranos, transformando alguns em fenômenos, vide o caso de Tom Cavalcante.

Para se ter uma ideia, a “Escolinha do Professor Raimundo” foi um dos programas mais duradouros da TV brasileira e entre as décadas de 1990 e boa parte de 2000 foi considerada o maior programa de humor do mundo ocidental, deixando até o poderoso Bill Cosby para trás. A Escolinha era diária e batia 40 pontos no IBOPE, atingindo dezenas de milhões de espectadores, ultrapassando a audiência do famoso programa americano.



Professor Raimundo, a maior escada para os humoristas dos programas da TV brasileira, revelou e empregou dezenas de atores e grandes comediantes, até mesmo o lendário Mussum dos Trapalhões, descoberto por Chico e inclusive por este incentivado a criar a “linguagem” original repleta de forevis, cacildis, ironicamente hoje confundida com a tal linguagem de gênero neutro, possivelmente criada pelo catedrático “Mumu da Mangueira”, que já se mostrava anos luz à frente de seu tempo.

Olha aí ABL, depois de Fernanda Montenegro e Gilberto Gil, creio que Mussum também venha merecer uma cadeira de imortal por sua contribuição à língua, certo?

Apesar de toda relevância e genialidade, Chico Anysio viveu seus últimos anos atuando discretamente em novelas e programas de TV. Um dos últimos e brilhantes trabalhos de Chico foi



dublando o carismático velhinho Carl Fredricksen, da animação “Up – Altas Aventuras”, da Pixar, assim como coincidentemente, o último trabalho do galã Paul Newman foi dando voz ao personagem Duc Hudson em “Carros”, animação também da Pixar.

A gigantesca criatura, agora com 210 cabeças, urrava de dentro da jaula da submissão e do esquecimento, mas com a certeza de uma história admirável e ter feito escola.

Quantos Chicos não estão ainda hoje por aí buscando sua oportunidade longe dos likes das redes sociais, tão prostituídas, mas perto do coração, da mente e do riso gostoso, saudável e que ainda nos faz pensar?

No final, o que mais se destacam hoje são os discípulos de Pantaleão e de Bozó, onde o que vale é o exagero da mentira e a “carteirada” fajuta para impressionar o público ingênuo que se satisfaz com o sonho da celebridade.

Chico Anysio, como um Shakespeare brasileiro, descreveu tão bem a alma de nosso povo com seu olhar tão preciso e poderoso.

Suas criações eram diferentes umas das outras e você nunca via Chico, mas sim os 209 cidadãos nascidos da mente deste brilhante homem.

O mau caráter Justo Veríssimo está ainda estampado nitidamente na face de grande parte de nossa política, assim como não faltam Tim Tones, o retrato fiel dos falsos religiosos sempre com a sacolinha (e a busca por votos) à frente da fé e do amor.



O machismo escarrado e agressivo de Nazareno escancara com a estúpida e patética imagem do homem grosseiro, enquanto o irresistível Silva ainda prova que beleza não põe à mesa, quando se tem o talento e a sabedoria de compreender e tratar com elegância e respeito uma mulher.

Nossa CBF continua dirigida por Coalhadas e nossa mídia dominada por Haroldos, que longe das câmeras querem morder você todinho em troca de uma chance e caso você não aceite, ele lhe rotula como homofóbico. Talvez pelo medo do cancelamento ou ânsia pela ambição surjam tantos Albertos Robertos invadindo o dia a dia das donas de casa e trabalhadores cansados, que tentam apenas relaxar na frente do aparelho sugador de almas.

As mensagens implícitas do véio Zuza e as explícitas de um velho Profeta nos dão a esperança de que isto ainda vai melhorar, tenhamos fé.

Enquanto isto, nós, eternos Bentos Carneiros, vampiros brasileiros, agradecemos por Chico ter nos dado praticamente todo seu sangue.

Num universo talvez não muito distante, o imortal Professor Raimundo deve estar ao lado de seus mais notáveis alunos, como Costinha, Grande Otelo, Rogério Cardoso, Orlando Drummond, Walter D'Ávila, Zezé Macedo, Rony Cócegas, Brandão Filho, José Vasconcelos, Zilda Cardoso e tantos outros, sempre pronto para uma nova temporada de lições.

O que muitos de nós, dez anos atrás, não esperávamos, é que poucos dias depois do Professor Raimundo ser escalado pro andar de cima, o diretor geral da escola do humor, o mestre prolífico Millôr Fernandes, também seria convocado.

O céu vai continuar sorrindo, enquanto nós por aqui ficamos na utópica espera de um mundo novo com mais Chicos e Milllores.

E a saudade ó!





Barba-Negra: a construção de um estereótipo

● VITOR MARCOLIN

As informações sobre a vida de Edward Teach, o lendário Barba-Negra, são tão escassas quanto as gotas de rum no fundo das garrafas depois de uma noite de celebração pelo sucesso de mais uma pilhagem. No entanto, foram estas informações que serviram de fundamento para a construção da sua imagem. A escassez fora fartamente suprida pela generosidade dos relatos romanceados e Barba-Negra passou à História como o pirata por excelência.

Origens

Acredita-se que Edward Teach tenha nascido na cidade portuária de Bristol, na Inglaterra, por volta de 1680. Nasceria, portanto, no período da ascensão das colônias britânicas na América do Norte, e da consolidação dos territórios ultramarinos de França, Portugal e Espanha nas Américas Central e do Sul. A passagem do século XVII para o século seguinte marca também o apogeu das rotas dos navios negreiros e do tráfico de escravos comprados na costa africana. Nessa época, Bristol era um importante porto comercial; Barba-Negra nasceu e cresceu na segunda mais importante cidade da Inglaterra.

Para proteger a família do assédio dos homens do rei, os piratas davam-se nomes falsos, ou, pelo menos, sobrenomes falsos. Teach, portanto, provavelmente não era o seu verdadeiro nome. Nenhuma informação relevante consta nos registros históricos sobre sua infância e juventude. Suspeita-se, contudo, que ele nasceria numa família rica, e que fora para o Caribe no final do século XVII num navio comercial — provavelmente um navio negreiro. Charles Johnson, célebre cronista do século XVIII conhecido por sua contribuição à imagem romanceada dos piratas, escrevera que Teach servira em navios corsários na Jamaica durante a Guerra da Rainha Ana.

Esta guerra constituía-se de uma série de batalhas mais ou menos desastrosas entre a França e a Inglaterra pelos territórios da América do Norte. Teach, segundo Charles Johnson, nela servira “sempre se distinguindo por sua ousadia incomum e coragem pessoal”. Antes de ingressar na vida de pirata, e enquanto soldado inglês na guerra, Teach manteve-se no mais completo anonimato.

Providência

No Caribe havia uma ilha cuja atracação dos navios de grande porte, como os grandes veleiros da armada real britânica, não podia acontecer sem causar preocupação; o porto da ilha era raso demais. Por ser rota comercial para as embarcações que faziam longas viagens, o local recebera o nome de Ilha da Nova Providência. As crônicas do século XVIII narram que “os únicos moradores permanentes

[na ilha] eram os piratas que acampavam, comerciantes e aproveitadores, todos os outros apenas passavam por lá; em Nova Providência os piratas eram bem-vindos”. Na companhia dos corsários envolvidos na Guerra da Rainha Ana, Edward Teach estabeleceu-se na ilha.

Nas águas de beleza paradisíaca de Nova Providência os piratas reinavam soberanos. Benjamin Hornigold, pirata famoso, uma das estrelas das crônicas do século XVIII, operava naquelas águas. Em 1716, ele jurou que concederia o comando de uma chalupa a Teach se este conseguisse tomá-la; este foi o efetivo ingresso de Edward Teach na pirataria. Contudo, o principal feito de Teach nesta fase inicial de sua carreira como pirata aconteceria no ano seguinte. Ele e Hornigold partiram de Nova Providência, cada qual no comando de sua própria chalupa, rumo ao continente.

Ambos capturaram um barco cujo compartimento de carga estava abarrotado com 20 barris de farinha provenientes de Havana e, numa segunda incursão, tomaram de assalto uma chalupa com 100 barris de vinho oriundos de Bermuda. A pilhagem seguiu soberba: poucos dias depois, a dupla comandou a interceptação de um veleiro vindo da Ilha da Madeira com destino ao porto de Charleston, na Carolina do Sul. Os piratas parecem ter desenvolvido um fino gosto pelos vinhos da Madeira; saquearam muitos outros veleiros comerciais abarrotados desse produto. Frequentemente os navios da Madeira eram deixados naufragar com a carga restante.

Fora durante estas pilhagens que os primeiros rumores sobre Edward Teach começaram a se espalhar pelo Caribe e América do Norte. Os boatos diziam que ele comandava com extrema habilidade uma chalupa guarnecida com seis canhões, e uma tripulação pirata composta por mais de 70 homens.

Edward Teach torna-se Barba-Negra

Na tarde de 28 de novembro de 1717, Teach ordenou aos seus homens para que tomassem uma embarcação francesa na costa de São Vicente. O ataque fora cruel, os homens de Teach fizeram chover balas de canhão sobre a pobre tripulação francesa; muitos tripulantes morreram. O capitão rendera-se. O navio interceptado chamava-se La Concorde de Saint-Malo, era um imenso navio negreiro. Tendo equipado a embarcação com 40 canhões, Teach a renomeou para Queen Anne’s Revenge, o Vingança da Rainha Anna; clara alusão às intrigas entre ingleses e franceses pelas terras da América do Norte.

Pouco depois, um ataque de Teach a um navio na costa de São Vicente fora publicado no periódico The Boston News-Letter. O jornal descrevera Teach como um comandante de um “navio francês de 32 canhões, um brigantine de 10 canhões e uma chalupa de 12 canhões”. Nesta altura, Teach comandava uma tripulação pirata de, no mínimo, 150 homens divididos em três navios.

Em 5 de dezembro de 1717, Teach ordenou a pilhagem da chalupa mercante Margaret, na costa da Ilha do Caranguejo, no Caribe. Interpelado sobre os fatos, o capitão Henry Bostock descreveu em relatório o saque que sofrera. Quando chegou na descrição do homem que comandara a pilhagem, Bostock relata que “[Teach] é um homem alto de uma barba muito negra e muito longa”. Eis aí o primeiro registro da aparência de Edward Teach. Não demorou para que a imprensa americana (das 13 colônias) fizesse o pirata conhecido em todo o Caribe e América como Blackbeard, o Barba-Negra.

“Assim, o nosso herói, Capitão Teach, assumiu o cognome de Barba Negra devido à quantidade de pelos que, como um meteoro aterrorizante, cobria todo o seu rosto, e ameaçou mais a América do que qualquer cometa que tivesse aparecido por ali. A barba era negra, que ele sofreu para deixar crescer até um comprimento extravagante; para cima, ela chegava até seus olhos. Ele estava acostumado a amarrá-la com fitas, em pequenas tranças, seguindo o costume de nossas perucas de cachos, e acomodando-as em volta das orelhas”.

Charles Johnson, cronista, autor de “Uma história geral dos roubos e crimes de piratas famosos”, de 1724

Apogeu

Por volta de 1718, Barba-Negra arrogara-se o título de Comodoro; ele era um capitão pirata, por assim dizer, bem-sucedido; com centenas de homens a seu serviço, navios apinhados de rum e guarnecidos com dezenas de canhões, Barba-Negra chegara ao auge de sua carreira. O mar do Caribe e a costa leste dos Estados Unidos, contudo, não se viram ameaçados pela figura tenebrosa do capitão pirata por muito tempo.

Barba-Negra saqueara dezenas de navios, ordenara a pilhagem e destruição de importantes portos no Caribe, e tirara o sono dos governadores das Treze Colônias Americanas. Sua fama chegou a romper os limites das águas paradisíacas da América Central e alcançou os ouvidos dos homens do rei no país do rei. Notícias sensacionalistas sobre a pirataria nas Índias Ocidentais (o Caribe) começaram a ser publicadas na imprensa londrina. Barba-Negra virara folclore.

La mort

Cansados da constante ameaça pirata no mar do Caribe e na costa das Treze Colônias, uma assembleia congregada na Virgínia determinou que um vultoso prêmio seria entregue pela morte de Barba-Negra. O prêmio, inclusive, seria maior do que o ofertado pela coroa inglesa — que também sofrera com perdas significativas para a pirataria. Na manhã de 22 de novembro de 1718, na ilha de Ocracoke, uma expedição de 57 homens liderada pelo tenente Robert Maynard encontrou o paradeiro dos piratas de Barba-Negra.

Não é preciso dizer que a batalha fora sangrenta, que nela todos os elementos consagrados do estereótipo do bravo pirata estavam presentes. As chalupas do tenente Maynard aproximaram-se do navio de Barba-Negra: lançaram-se ganchos, deram-se tiros de canhão e de pistolas de pederneira. O barulho das explosões das granadas e dos tiros era embalado pelo som medonho dos gritos daqueles que tiveram suas pernas e outros membros arrancados pelo chumbo do canhão.

Sobre o convés os homens caíam antes pelas escorregadias poças de sangue dos mutilados do que pelos golpes do inimigo. A morte, no entanto, vinha ligeiro; só não tanto quanto o desejado porque as armas de fogo, para o recarregamento, exigiam uma concentração que não poderia ser aplicada ali. Um tiro apenas. Depois, a espada. O tenente Maynard examinou o corpo de Barba-Negra: o pirata fora alvo de cinco balas de pederneira e vinte cortes de espada. Seu cadáver fora lançado no estuário; a cabeça, no entanto, pendurada no gurupés da chalupa de Maynard — para a justa reivindicação de sua recompensa.

Fontes: *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press. Consultado em 18 de agosto de 2021; Livro: Klein, Shelley (2006). *Os Piratas Mais Perversos da História (The Most Evil Pirates in History)*. São Paulo: Michael O'Mara Books Ltd. Editora Planeta do Brasil – Tradução de Magda Lopes.

“Maldito seja, seu miserável! Quem é você?” O tenente deu-lhe a resposta: “Você pode ver pelas nossas cores que não somos piratas”.

Dialogo entre Barba-Negra e o tenente Robert Maynard

Entrevista com o azulejista Jesus Fernandes

LEÔNIDAS PELLEGRINI



Santos azulejos

A contemplação da beleza e o simples convívio com ela em nosso cotidiano integram importantes passos para se trilhar o caminho da santidade. As artes visuais revelam-se, nesse sentido, grande fonte de santificação do espírito pela contemplação e convivência com o belo. E, neste convívio com a beleza em nosso dia a dia, estão os belos azulejos portugueses.

A azulejaria portuguesa, arte de 500 anos que representa uma importante parte da cultura lusitana e revela as influências da cultura árabe na Península Ibérica, faz-se presente em praças públicas, residências, igrejas e onde mais se queira. Entre os temas das pinturas estão o folclore, a mitologia e a História (secular e sagrada), e a beleza dos painéis religiosos faz com que a azulejaria portuguesa tenha garantido seu lugar na História das Artes Sacras.

Sobre as relações da azulejaria portuguesa e as artes sacras, conversei com Jesus Fernandes, talentoso artista que conheci casualmente nas redes sociais e com cujo trabalho me impressionei. Confira a entrevista abaixo, conheça o trabalho de Jesus Fernandes e confirme que até mesmo os azulejos podem ser santos!



Revista Esmeril: Para começar, fale um pouco do azulejo português, sua história, as técnicas envolvidas nessa arte etc.

Jesus Fernandes: Resumidamente, o azulejo é de origem Árabe, e essa palavra originou-se do nome “alzulaich”, que significa “pequena pedra polida”. Portanto, a palavra Azulejo não tem nada a ver com a cor “azul”! Os indícios da existência dessas pedras são datadas em 4 a 5 mil anos antes de Cristo! Com o passar dos séculos, foram se espalhando pelo mundo e ganhando suas características em cada país. Os azulejos portugueses ganharam o maior destaque, e há várias teorias para o motivo de sua cor ser azul: originou-se das pinturas asiáticas; existência apenas do Pigmento azul em determinada época; azul era usado no brasão da Coroa Portuguesa. A cor entre ocre e amarelo das molduras dos painéis só foram acrescentadas nos séculos XV e XVI, para demonstrar riqueza.



Revista Esmeril: Como é sua história com a arte da azulejaria? Como e por que decidiu se profissionalizar nessa área?

Jesus Fernandes: Sou artista autodidata e sempre pintei desde criança, quando comecei com guache, cartolinas, lápis de cor... Na adolescência comecei a pintar com óleo sobre tela, e também com tinta acrílica. Nessa época também comecei a fazer algumas exposições na minha cidade natal, Santa Cruz do Sul, e também em Porto Alegre. Quando vim morar em Florianópolis tive oportunidade de fazer um pintura em azulejos e gostei muito da técnica. Comecei estudar, treinar, e procurava sempre aprender cada vez mais. A escolha do estilo português foi devido à colonização portuguesa da ilha. Depois que comecei a postar trabalhos meus na internet, começaram vir as encomendas e não parei mais. Ainda, acabei descobrindo que há certa deficiência nesse nicho do mercado. São poucas as pessoas que produzem azulejaria portuguesa no Brasil, o que dá bastante espaço para que eu atue.

Revista Esmeril: Fale um pouco sobre os temas religiosos envolvidos na azulejaria portuguesa. É possível dizer que essa arte acompanha a história das artes sacras?

Jesus Fernandes: Os temas dos painéis da azulejaria portuguesa são bem variados. Há temas históricos e também são muito explorados temas da arte sacra barroca, instalados principalmente em residências e Igrejas. A arte sacra teve sempre muita expressão na pintura, sobretudo na azulejaria portuguesa, que sempre explorou muito bem esse tema. Portanto, é possível, sim, afirmar que a história dessa arte se incorpora à das artes sacras.

Revista Esmeril: A contemplação da beleza constitui um dos passos para o caminho da santidade diária. Você acredita que a azulejaria com temas religiosos contribui nesse sentido?

Jesus Fernandes: Sim, eu acredito. Além da beleza dos painéis em estilo português, essa arte é muito rica e tradicional, e pode ser incluída em qualquer ambiente, qualquer decoração, desde o mais clássico, até o mais contemporâneo. E os temas religiosos, junto com essa beleza, sempre ajudam a conduzir à santidade.



JACK DANIEL'S Quando envelhecer é fundamental

• LOBO

Na cidade de Lynchburg, sede do Condado de Moore, Tennessee, se encontra a destilaria Jack Daniel's, a mais famosa do mundo e a mais antiga dos Estados Unidos.

Muitos dos mais de 200 mil visitantes anuais, entre os quais me incluo, ficam um tanto desapontados não com a visita, que é bastante elucidativa e inesquecível, mas sim com a descoberta de que na cidade do mais lendário e icônico whiskey americano, o favorito até do britânico Winston Churchill, é terminantemente proibido bebe-lo, já que por ali impera realmente uma Lei Seca que começou no Tennessee em 1910 e que Lynchburg decidiu, por motivos que não vem ao caso, manter até hoje, mesmo depois da lei ser revogada em 1933 nos Estados Unidos.



Mas não se desespere, caro leitor, pois é possível comprar legalmente uma garrafa de Jack Daniel's no White Rabbit, loja dentro da destilaria, desde que você aprecie o precioso conteúdo fora dos limites do condado. Há também a opção do tour VIP, onde se tem o privilégio de uma degustação privada de cinco dos melhores produtos da marca, entre eles o Gentleman Jack (meu favorito); o Jack Daniel's Gold N° 27, com dupla filtragem e duplo amadurecimento em barris de carvalho; e a estrela da visita, ao menos para muitos, o Jack Daniel's Sinatra Select, **um blend envelhecido em barris especiais e de um paladar exclusivo e suave**, refletindo a personalidade audaz e clássica do celebrado Frank Sinatra.



Segunda garrafa da esquerda para a direita, a edição especial em homenagem a Sinatra.

Vale aqui uma ressalva de que esta edição comemorativa, numa embalagem invejável, é uma homenagem póstuma mais que merecida a um dos maiores divulgadores da marca, já que a garrafa de Jack Daniel's, por longos anos, foi companheira frequente de Sinatra, tanto no palco quanto fora dele. Em seu programa de TV, Frank entrava ao vivo bebendo o whiskey e proferindo, no melhor estilo "my way", a frase que marcou o produto por anos: "Senhoras e senhores, eis aqui o néctar dos deuses".

No funeral de mr. Blue Eyes, como também era conhecido o cantor, o mesmo foi enterrado com uma garrafa de Jack Daniel's, um maço de cigarros Camel, um isqueiro Zippo e um dólar em moedas, caso ele precisasse usar um telefone público, como disse sua filha Nancy.

Motivos, como podem notar, não faltaram para que Jack Daniel's finalmente criasse uma edição especial Sinatra.

A história da marca Jack Daniel's começou quando Jasper Newton Daniel, nascido em 5 de setembro de 1846 na cidade de Lynchburg, resolveu fugir de casa depois que sua mãe e seu pai morreram. O garoto acabou sendo "adotado" por um pregador local, chamado Dan Call, que se tornou o mestre do jovem Jasper na arte da destilação de bebidas.



Em 1875, Daniel fundou uma empresa de destilação registrada com Call, usando todo o dinheiro da propriedade de seu falecido pai. Mas tempos depois, com a saída do sócio por questões religiosas, assumiu sozinho a propriedade e quase uma década depois, em 1884, comprou o terreno onde hoje está localizada a destilaria.

A força vital de um bom whiskey esta na pureza de sua água, portanto a existência da Cave Spring Hollow, uma caverna dentro da propriedade, onde abrigava uma nascente de água nítida, fria e a temperatura constante de 56 graus, impulsionou sua compra e se tornou um dos segredos do sucesso da marca.

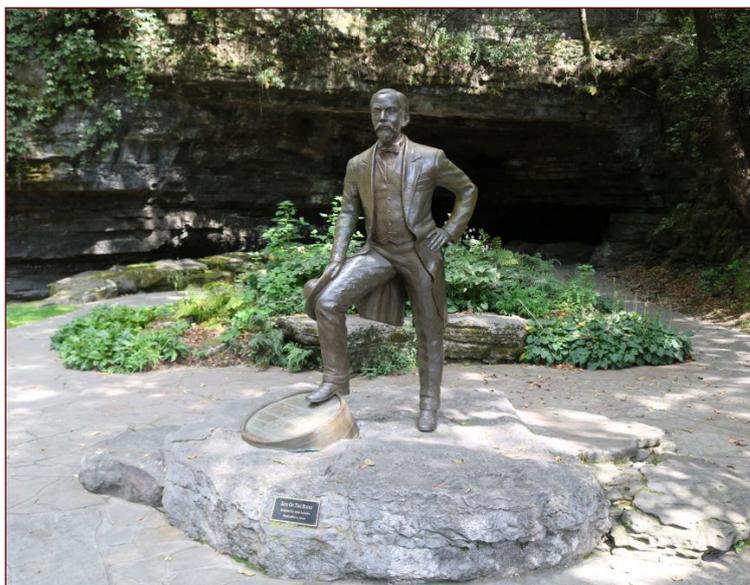
Em 1904, a bebida ganhou uma medalha de ouro na Feira Mundial, e a vitória merecida foi atribuída aos outros "segredos" de Jack, entre eles a água mineral calcária, uma quantidade certa de milho, centeio e cevada maltada e **o principal ingrediente: paciência, já que a arte de produzir um bom whiskey não se trata apenas de ciência, mas sim sobre envelhecimento**, porque uma data em um calendário não pode te dizer todas as coisas que um gole pode, já dizia o velho Jack.

Os barris, feitos de carvalho branco, também produzidos pela destilaria, dão a cor âmbar da bebida e muito de seu sabor, já que extraem os açúcares naturais da madeira para caramelizar o whiskey.

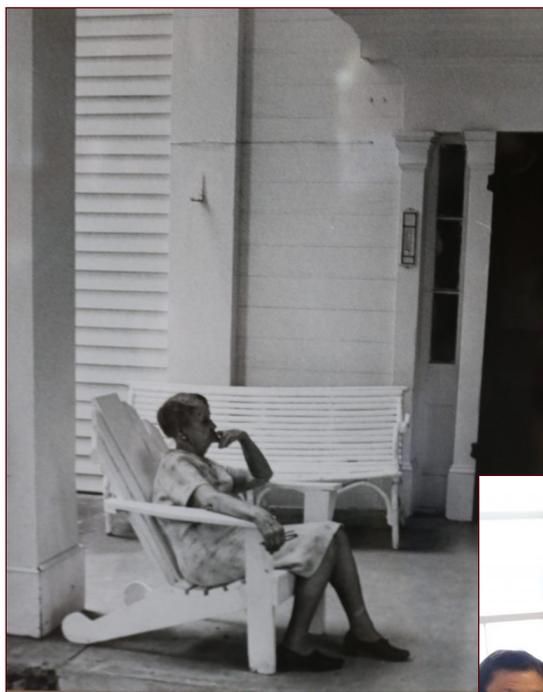
Jack administrou a empresa até 1907, quando cedeu a destilaria para seu sobrinho, Lemuel "Lew" Motlow, já que nunca se casou ou teve filhos.

O lendário homem que deu nome à marca morreu em Lynchburg no dia 9 de outubro de 1911. Reza a lenda, inclusive é a história contada pelos guias da visita na destilaria, de que após dar um pontapé num cofre de ferro (exposto na visita) por não conseguir abri-lo, teve uma séria infecção que resultou numa gangrena fatal.

Jack era (e sua figura ainda é) um sujeito muito querido e respeitado na cidade, pois colaborava profundamente com o desenvolvimento da mesma, investindo na comunidade, empregando muitos moradores da região, e ainda patrocinando a primeira banda local e colaborando ativamente com todos projetos sociais de Lynchburg e arredores.



Muitas destas e outras histórias podem ser ouvidas também fora da destilaria, no famoso restaurante Miss Mary Bobo's, atração turística na cidade por décadas e décadas. A visita à destilaria só fica completa com um almoço na famosa casa de Miss Mary Bobo, uma bela propriedade construída no final do século 19, e comprada por Mary e seu marido em 1908 para se tornar uma pensão conceituada.



A real e merecida fama surgiu quando o casal começou também a oferecer refeições e hospitalidade para a família dos funcionários da destilaria.

Miss Mary faleceu com 102 anos em 1983, mas até hoje a tradição permanece, só que agora para os viajantes do mundo todo que por lá almoçam na melhor tradição do Tennessee, já que da forma mais caseira possível todos almoçam juntos, ao redor de uma farta mesa, enquanto uma senhora, que representa o local e a cidade, conta histórias e dialoga com os convidados no melhor estilo "almoço na casa da vovó".



Na ponta da mesa, o autor da matéria almoça no Miss Mary Bobo's

Vale lembrar que Jack Daniel's não são servidos por lá, uma vez que a Lei Seca impera, mas o assunto é sempre a vida e obra do homem que criou uma das bebidas mais célebres de todos os tempos. Afinal, para habitantes de Lynchburg, envelhecer nunca foi uma questão de tempo, mas sim de qualidade no sabor, seja na vida, seja no melhor whiskey americano.

Que tal visitar a destilaria?



A Família Addams

VITOR MARCOLIN

Um choque cultural entre católicos e protestantes

Nos Estados Unidos e nas zonas sob a sua influência cultural, a Família Addams é provavelmente um dos ícones mais conhecidos disto que nós chamamos de cultura pop (cultura popular). Provavelmente, o impacto que os Addams tiveram – e, claro, ainda têm – sobre o imaginário de crianças e adolescentes especialmente nos EUA deve-se ao fortalecimento da imagem estereotipada do cidadão latino e católico que, com seus usos, costumes e tradições, causa estranheza no protestante. Como uma grande obra menor, os quadrinhos dos Addams souberam representar, de maneira irônica, caricaturesca e por vezes exagerada, o imaginário do americano médio sobre a cultura latina especialmente no tocante à organização familiar. Não só pai, mãe e filhos vivem sob o mesmo teto, senão tios, avós, serviçais e agregados. Nada mais estranho ao americano que, tão logo alcança a maioridade, é convidado pelos próprios pais a tomar o rumo da rua a fim de aprender a cuidar de si mesmo longe da família.



The Addams Family/Charles Addams/Reprodução

Charles Addams (1912-1988), o criador da Família Addams, foi um cartunista americano que fez relativa fama com os seus desenhos a partir do final dos anos 1930, a principal característica do seu traço foi incontestavelmente o humor negro representado pelas suas personagens macabras, tudo permeado por generosas referências ao gótico.

E nós podemos confirmar as suspeitas do leitor mais atento: Charles era um parente distante dos ex-presidentes americanos John Adams e John Quincy Adams.



Charles Addams/Reprodução

Mas não só. Na árvore genealógica do criador da Família Addams consta também o nome de Jane Addams, a aristocrata, feminista e assistente social norte-americana famosa por ter sido a segunda mulher a ganhar o Prêmio Nobel da Paz.

Não surpreende, portanto, que a obra de ficção *The Addams Family* – uma perfeita representação, sob vários aspectos, da antifamília americana – tenha sido criada por um sujeito cujo histórico familiar remonta a personalidades que influenciaram diretamente a formação da sociedade americana.

Inicialmente, as personagens eram chamadas de “a família de Addams” numa óbvia referência ao seu criador. Porém, os Addams não surgiram como uma família, pois os membros do icônico clã foram criados individualmente e apresentados ao público em épocas distintas. Em 1938 na revista americana *The New Yorker* – um sofisticado periódico de humor com uma proposta que destoava das outras revistas humorísticas da época, consideradas “cafonas” –, Charles brindou o público com a criação da personagem Mortícia. O público não dispunha de nenhuma indicação de que ela tivesse marido ou filhos; no entanto, Tropeço, a encarnação do estereótipo do fiel serviçal gótico, já oferecia os seus serviços à bela e enigmática Mortícia. Nesta época também as personagens ainda não haviam sido batizadas.

É bastante evidente que a imagem da Mortícia é uma verdadeira síntese entre a “mulher fatal” do cinema noir com os filmes de horror que dominavam o cinema americano nos anos 1930. Daí o apelo ora sensual ora gótico da personagem e a presença do mordomo que lembra uma criatura fugida do laboratório do Dr. Frankenstein. Diversas estrelas do cinema mudo que, com o advento das novas tecnologias cinematográficas entraram em decadência, serviram de inspiração para a criação de Mortícia. A principal delas



Gloria Swanson (1922)/Reprodução



Primeiro cartoon da Família Addams publicado na revista *The New Yorker* (1938)/Reprodução

foi Gloria Swanson, epicentro das fofocas e holofotes de Hollywood durante os anos dourados da indústria cinematográfica americana. Gloria encarnava o tipo perfeito daquilo que Charles pretendia mostrar com a sua Mortícia: uma aristocrata riquíssima saudosa do estilo gótico que é sempre servida por um mordomo. A atriz, anos depois do surgimento dos Addams, interpretou a protagonista no filme *Crepúsculo dos deuses* (*Sunset Boulevard*, Billy Wilder, 1950) no qual faz o papel de uma rica e esquecida atriz do cinema mudo que vive suas angústias numa mansão onde é servida permanentemente por um mordomo – que havia sido seu primeiro marido.

Pouco tempo depois da estreia de Mortícia, foi a vez de Gomez, o pai dos Addams, apresentar-se. Charles foi perspicaz na sua criação, porque fez a sua personagem representar, com a máxima eficiência possível à linguagem dos quadrinhos, uma figura pacata, familiar e ligeiramente patética. Gomez – um dos nomes latinos mais conhecidos pelos estadunidenses – representa um



Gomez e Wandinha Addams/Charles Addams/Reprodução

rico aristocrata, advogado de profissão, que vive permanentemente apaixonado pela esposa. Aliás, a devoção que Gomez nutre por Mortícia é, provavelmente, a principal característica do seu estereótipo. O comportamento do casal ganha ares de uma hilaridade impagável quando Mortícia, cumprindo à risca o desejo do seu criador ao afetar romantismo, começa a falar em francês com o marido. Gomez tem um êxtase ao ouvir os murmúrios francófonos da esposa. Impagável.

Wandinha (Wednesday), a filha do casal, surgiu no início dos anos 1940. De fato, a menina, honrando o nome dos Addams com as suas esquisitices, tinha como passatempo favorito brincar de “guilhotina” com o irmão, mas ela não era tão macabra quanto as novas representações querem fazer o público acreditar. Os contornos da sua melancolia e obscuridade foram delineados bem mais tarde, nos anos 1960. Wandinha, a bem da verdade, tinha traços de afetividade e doçura, especialmente com o seu pai.



Tio Chico (Foster) a segurar uma abóbora num cartoon dos anos 1940/Charles Addams/Reprodução



Gomez Addams bonachão/The New Yorker/Reprodução

O real papel dos membros da Família Addams, aparentemente, não seguiu uma definição objetiva; os vínculos entre os Addams, no transcurso da história da HQ, não eram muito claros. Por exemplo, inicialmente, a vovó e o tio Chico (Foster) formavam um casal; a vovó, portanto, era ora avó, ora bisavó, ora sogra ou ora mãe. Ela, aliás, só passou a ser representada como uma espécie de bruxa versada na arte alquímica da elaboração de poções para toda a família muito mais tarde.

O tio Chico, aliás, é um dos personagens mais importantes para Charles Addams, pois ele servia para toda sorte de exploração macabra que o criador da HQ queria explorar; não eram histórias propriamente da família, senão situações absurdas nas quais a tônica era o humor pesado e, para os novos paradigmas contemporâneos, o politicamente incorreto. Na primeira aparição do tio Chico, em 1941, ele e sua esposa surgem a comprar passagens de ida e volta para um desfiladeiro – o detalhe da piada é que, para a volta, ele compra apenas uma passagem.

Ele, no entanto, só passou a ser considerado “tio” na série televisiva da Família Addams dos anos 1960. Em grande medida, a imagem que temos hoje da icônica família foi construída durante esta série de televisão que ficou bastante famosa. Foi a adaptação dos quadrinhos para este programa de televisão a gênese de diversas modificações no caráter das personagens, e o fator que deu a forma final aos icônicos Addams como os conhecemos hoje. A Coisa, por exemplo, passou a ser representada como uma criatura que aparecia da cintura para cima e que sempre estava metida nos cantos da casa, atrás dos quadros, debaixo dos móveis, esfregando-se nos locais mais obscuros da mansão Addams. Não é difícil imaginar, inspirado pela atmosfera macabra do estranho ambiente familiar, que a Coisa poderia ter sido um filho do casal Gomez e Mortícia que, não obstante, é criado como um bicho.

A série de TV que foi ao ar em 1964 – e que teve 64 episódios – torna-se altamente relevante para a história da Família Addams porque ela organizou e definiu os papéis das personagens que conhecemos hoje. A adaptação do seriado em preto e branco – e que foi gravado no formato live-action – forçou o batismo de algumas personagens até então sem nome. O Feioso, por exemplo, irmão de Wandinha, ganhou este nome durante a série; embora Charles – que sempre manteve influência sobre as adaptações – tenha proposto um nome mais obscuro, uma espécie de trocadilho para “pelo pubiano”. Os vínculos e a dinâmica entre os membros da família são efetivamente estabelecidos durante a série. A produção consagrou também o nome pelo qual nós os conhecemos, desde as primeiras publicações na revista New Yorker eles eram conhecidos como “a família de Charles Addams”; mas depois de 1964 o nome *The Addams Family* foi imortalizado.



The Addams Family (1964)/Reprodução

Finalmente, a partir dos anos 1990 – depois da morte de Charles Addams –, a animação, que já representava uma perspectiva estereotipada da família latina tradicional, ganhou um incremento conceitual. Valendo-se de um misto de humor e horror, os Addams acentuaram o estranhamento do americano médio frente à realidade dos católicos e latinos. Um comportamento facilmente associado aos protestantes é o estranhamento relativo à suposta “morbidez” com a qual os católicos representam os sofrimentos de Cristo. Exatamente por não terem a presença real do Logos divino no Sacramento da Eucaristia, os protestantes abstraem a realidade da materialidade do sofrimento. Daí o estranhamento com o qual eles encaram a cultura latina cuja principal caixa de ressonância não é outra coisa senão a família.



“Anormalidade é
uma ilusão.
O que é normal para
uma aranha é o caos
para uma mosca”.

Charles Addams

Falta no trabalho

VITOR MARCOLIN

Depois de correr até a exaustão na roda do elevador à tração humana, o escravo fora finalmente dispensado do trabalho, pelo menos até a manhã seguinte. O rapaz, um *viking* capturado na região das fronteiras ao Norte, era forte e robusto; seu amo, um membro do *Senado*, orgulhava-se de poder valer-se dele para incrementar a sua própria renda. O nobre romano empregava o seu escravo no novo projeto arquitetônico da capital do Império, o Coliseu — que estava em vias de ficar pronto.

Ocorreu que, nesta noite, depois da labuta que lhe rendia unicamente doses de ração que, apesar da fartura — o escravo precisa ser mantido forte e saudável para o trabalho — custavam ao paladar, o *viking* encontrar-se-ia na posse de uma dose de liberdade que o permitiria fazer algo que há muito lhe fora negado pelas vicissitudes da vida: visitar um *lupanar*. Estamos no ano 70 d.C. e o mundo desta época custa crer a quantas subiu esta moral que damos o nome de “burguesa”.

Dia após dia, enquanto corria extenuado e aos tropeços na roda do *infortúnio*, o pobre *viking* destilava ódio pelo capataz que o ameaçava com as tiras do chicote. Este o olhava de soslaio, desconfiado das possíveis tramas do cativo. Para fugir do sofrimento objetivo, o escravo entregava-se ao mundo subjetivo dos seus sonhos; a lembrança das belas *vikings* da sua terra natal minoravam um pouco a sua angústia.

Anoiteceu. O escravo deixou o trabalho sentindo uma estranha sensação: seu coração batia em ritmo acelerado fazendo a sua têmpora pulsar. Foi para o cubículo paupérrimo onde lhe era permitido, durante as horas da noite, encontrar alívio num sono longo e, para o bem ou para o mal, *regenerador*. Emprego este adjetivo porque, na manhã seguinte, com as forças restabelecidas, o pobre *viking* voltaria ao trabalho. Para o escravo, o descanso é uma amarga ironia da existência; alguns preferem que a morte os alcance enquanto dormem, mas ela raramente atende ao desejo dos desgraçados. Assim, depois do descanso, o cativo volta à labuta.

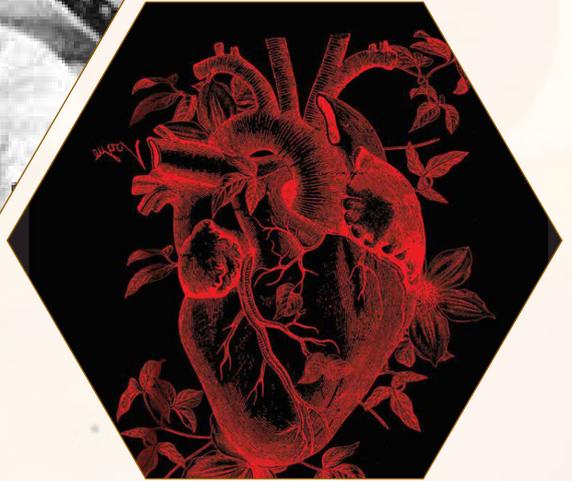
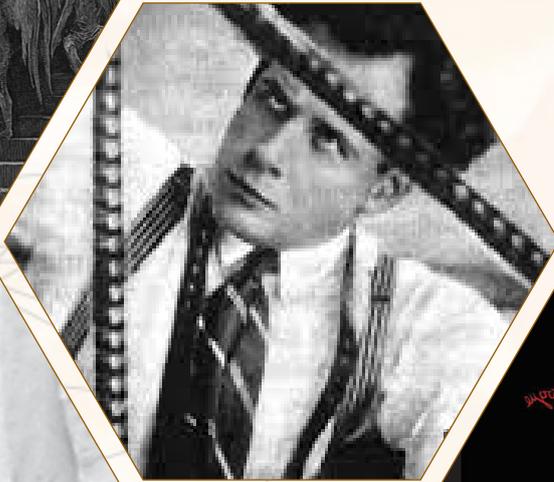
Não fora assim com o nosso *viking* nesta noite. Por um descuido do capataz, o cativo safou-se das acomodações para escravos nas adjacências do coliseu semiacabado e embrenhou-se, livre, pelas ruas da capital do Império Romano. O mormaço da noite de verão romana somado à pobre iluminação das ruas estreitas contribuíram para o estabelecimento de uma tensão extraordinária sobre o pobre rapaz. Hesitante, ele pensou em dar meia-volta e regressar às suas indignas acomodações. Mas, não. O *viking* tomara uma resolução.

Entrou no primeiro estabelecimento de baixo meretrício que encontrou — uma pocilga localizada num beco qualquer — com aquela confiança que só os bravos homens do Norte, devotos de *Thor*, de *Odin* e de toda a corte pagã nórdica, conhecem e, sem se dar ao trabalho de atinar para o que estava fazendo, solicitou os serviços da primeira *puella* que se pôs na sua frente. Num instante, os planos do pobre *viking* cativo de Roma foram desfeitos: o coitado não tinha dinheiro. Os capangas da dona do *lupanarium* deram uma surra no pobrezinho. No dia seguinte, o escravo não compareceu ao trabalho.





TRAPAÇAS CONFESSAS



Golpe

BRUNA TORLAY



(gol.pe) sm. 1. Pancada forte: *Deu um golpe de martelo na madeira* 2. Ferimento ou marca deixada por essa pancada: *Considerou com pessimismo aquele golpe no braço* 3. Fig. Acontecimento funesto inesperado; DESGRAÇA; INFORTÚNIO: *A morte do irmão foi um terrível golpe para ele* 4. Ação, palavras ou disposição que têm por fim cortar dificuldades ou evitar um perigo (golpe decisivo) 5. Atitude decisiva que se toma em qualquer negócio (golpe de coragem); ÍMPETO; IMPULSO; LANCE 6. Rasgo, lance, disposição de formas ou combinações engenhosas em que se reconhece a mão de um grande mestre (golpe de mestre) 7. Manobra astuciosa em luta corporal: *Deu um golpe no pescoço do adversário* 8. Fig. Manobra artilosa visando à obtenção de ganhos ou recompensas; ARDIL; ESTRATAGEMA: *Deu um golpe no banco e fugiu para o Caribe* 9. Fig. Acontecimento imprevisto, esp. o que tem importante significado: *Um golpe de sorte salvou sua vida* 10. Ação de acabar com alguém ou alguma coisa: *Deu o golpe final no prisioneiro: Foi um golpe arrasador em sua carreira profissional* 11. AM Corte que se faz no tronco da seringueira para obtenção do látex 12. Rajada de ar ou de vento 13. Ant. Multidão, grupo, quantidade de coisas ou pessoas que entram ou saem de uma vez (um golpe de gente) [F.: Do lat. *colpus*.] **Golpe de Estado** 1 Usurpação violenta do governo de um país, ger. por pessoa(s) ou grupo(s) no poder. 2 Ato de um governo para manter-se no poder além do tempo previsto em lei ou na Constituição.

Segundo aqueles que julgam o partido único o único ente legítimo para governar a sociedade, golpe significa toda e qualquer atitude contrária à ideia de que o partido único seja o único ente legítimo para governar a sociedade. Nesta acepção, golpe abarca desde pensar que algum representante do partido único seja um mau político, até a assinatura de um requerimento para que se abra processo de impeachment contra o dito político. Golpistas, conseqüentemente, são todas as pessoas que recusam, com palavras ou gestos (por exemplo o voto), a endossar a ideia única do partido único.

A noção se exprime em diversos termos e expressões, de uso distinto e finalidades variadas, como “discurso de ódio”, “movimentos antidemocráticos”, “atentado à democracia”, “fascismo”, “disparos coordenados”, “robôs”, “ódio nas redes”, “presidente ilegítimo”, “polícia genocida”, “política reacionária”, “agressões verbais”, “ameaça à democracia”, “escalada autoritária”, “fake news”, “negacionismo”, etc.

A profusão de termos auxiliares, difundidos em meios de comunicação integrados, têm por objetivo consolidar a noção geral de que apenas o partido único é o porta-voz legítimo da humanidade em seus anseios de felicidade, justiça e harmonia.

Considerando a história política recente do Brasil, a série de golpes contra a democracia incluiriam a condenação ao mensalão (expediente usado pelo ex-presidente Luis Inácio da Silva para aprovar propostas duante seu mandato); o julgamento legal dos envolvidos no petrolão (esquema de desvio de verbas para financiamento de candidaturas); a interrupção do mandato presidencial da ex-presidente Dilma Roussef (menos por pedalar demais que por ser popular de menos); a aprovação da PEC do teto de gastos; a eleição do atual presidente Jair Bolsonaro e a própria aprovação popular do presidente, testemunhada em aparições públicas e em postagens privadas nas redes sociais de milhares de pessoas.

Segundo esta percepção, parte significativa da população brasileira é composta de golpistas, robôs, fascistas, propagadores de fake news, reacionários, negacionistas e difusores de discurso de ódio, de modo que a única forma de salvar a democracia no Brasil seria, aparentemente, eliminando o povo da vida política nacional.

Paraíso Rejeitado

MARCELO GONZAGA



Marcelo Gonzaga evoca Lúcifer de Milton e redutos infernais de Dante para delinear a face perene da mentalidade revolucionária

Um dos maiores poetas ingleses, John Milton foi politicamente bastante ativo. Viveu durante a Guerra Civil Inglesa, tomou o partido dos republicanos e participou do governo do Lorde Protetor. Mesmo após a morte de Cromwell e a restauração da coroa, manteve-se firme em suas convicções. Continuou criticando a monarquia e defendendo o regicídio. Cego, pobre, proscrito, Milton escreveu *Paraíso Perdido*, obra prima da literatura universal, onde podemos encontrar os seguintes versos indignados:

Quem pode justamente defender
Um rei que é por direito sobre os outros
Seus iguais, se em poder e esplendor menos,
Em liberdade iguais? Ou admitir
Édito e lei em quem sem lei não erra,
Muito menos fazer deste Senhor,
Que busca prostração ao arrepio
De honras imperiais que nos afirmam
Mandatados p'ra mando, não p'ra jugo?
[794-802]

Na história, a personagem em questão, *primus inter pares*, preterido pela hierarquia que o comanda, se vê submetido ao eleito que despreza. O motivo: uma arbitrariedade. Apresentando seu pleito numa assembleia, convence os presentes da justeza da causa e, indignados todos, resolvem rebelar-se. Após encarniçada luta, prestes a vencer, caem derrotados; perdem os cargos e honrarias e, exilados, amargam a sorte no inóspito e distante. O herói, cômico de sua responsabilidade, acende no coração dos companheiros a chama da luta, e funda uma nova pátria nos princípios da liberdade e igualdade; é conclamado líder incontestado, e chefia governo estável e duradouro. Altivez recobrada, planejam novo embate para castigar os algozes e retomar o que lhes era de direito. **Esse enredo possui elementos suficientes para ecoar em almas e corações de muitos injustiçados, especialmente no campo social e político.**

Vejamos novamente essa sinopse, esclarecendo alguns detalhes: Lúcifer, a estrela da manhã, "(...) se não primeiro / Entre arcanjos primeiros, não menor / em favor e eminência (...)" [659-661], não admite ser preterido pelo Pai em favor do Filho. Convencendo um terço da legião celeste, lidera a rebelião contra Deus. Consegue algumas vitórias nos ataques contra os anjos, mas acaba derrotado. É expulso do Céu juntamente com seus companheiros demoníacos. No Inferno, erige sua fortaleza e a todos declara aberta pátria de liberdade e igualdade, longe do autoritarismo a que o céu os sujeitava. Os demônios o elegem senhor e deixam-se por ele governar até então. Reunidos em concílio, resolvem se vingar, mas incapazes de fazer frente ao poder divino, tomam por alvo da malícia e do rancor o recém criado homem.

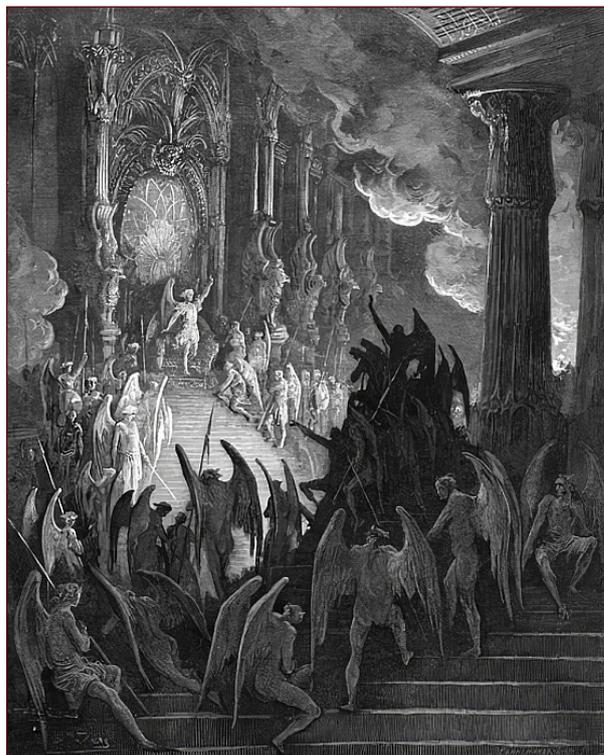
Aquele discurso, digno dos opositores mais inflamados do ancien régime, parece afirmação óbvia de direitos políticos naturais e inalienáveis. Seu único inconveniente é o mensageiro. O republicano Milton entrega tão nobre reivindicação a uma figura não exatamente popular: **Satanás. É ele que dá voz ao pensamento revolucionário.** Essa revelação nos faz desconfiar da integridade das intenções revoltosas.

Podemos repetir o exercício com duas famosas personagens de Shakespeare e perceber resultados análogos; fora do contexto das peças, tanto Iago quanto Macbeth, frequentemente associados ao Lúcifer miltoniano, têm grande chance de provocar mais simpatia do que repulsa. **Será que as circunstâncias específicas tornaram injustas justas demandas, ou tornamo-nos vítimas do encanto de orgulhosas pretensões** e suspendemos nosso juízo, tal qual presa diante da cobra, **e cedemos ao apelo da hipnótica sugestão dos amotinados?**

Em sua Comédia, Dante não hesita em atirar ao inferno personalidades as mais ilustres e notáveis.

O Limbo é o destino final dos pagãos de virtude. Lá estão princesas e príncipes troianos, junto de sua descendência; filósofos e poetas, da Grécia e de Roma; e até muçulmanos, como Saladino, Averróis, Avicena. O segundo círculo, Luxúria, castiga Dido, Cleópatra, Páris, Aquiles e Tristão com violentas tempestades; Heresia, sexto círculo, queima Epicuro e seus seguidores em túmulos flamejantes; o círculo seguinte, Violência, mantém Alexandre, Átila e Pirro imersos no Flegetonte, rio de sangue fervente, alvejados por centauros flecheiros quando tentam emergir. Malebolge, oitavo círculo, possui dez vales para cada tipo de fraude, onde encontraremos Jasão entre os sedutores, Simão Mago e os simoníacos, Tirésias com os feiticeiros, Caifás junto aos hipócritas. O gênio de Homero não foi capaz de salvar da perdição Ulisses, condenado a penar no vale dos maus conselheiros graças aos ardis que lhe deram fama. Maomé sofre junto de outros semeadores de discórdia. Cócito, o lago de gelo no centro do Inferno, é a morada dos traidores; Satã é a figura de destaque por seu ato de rebeldia contra Deus. Com isso o poeta florentino deixa claro que, ao menos para o medievo, o ato é muito mais importante do que as possíveis motivações.

O teatro grego pode ajudar ainda mais a notar essa discrepância de valores. Antígona conta o embate entre a heroína que dá nome à peça e seu tio Creonte, rei de Tebas. A despeito do édito real de deixar jazer ao relento o irmão rebelde, Antígona decide enterrá-lo para lhe trazer à morte a paz que em vida não encontrou. Descoberta na transgressão, foi levada à presença do tio para explicar-se; defende prestar obediência a leis não escritas, eternas e inexoráveis, e isso a dispensaria da submissão a qualquer ordem contrária a elas. Trocam acusações, que rapidamente se tornam ofensas, e entrincheiram-se cada vez mais. Antígona é condenada. Levada ao cárcere em prantos,



O Concílio. Gravura de Gustave Doré para a obra Paraíso Perdido

mas ainda convicta da piedade que a movia, lamenta a sorte que lhe coube. Creonte é, aos poucos, convencido de sua intransigência e capitula; honra o sobrinho sepultando-o e resolve livrar a sobrinha do cativo e da sentença de morte. Uma vez na prisão, depara-se com um cadáver vitimado pelo desespero. Filho e esposa do rei, o noivo e a futura sogra de Antígona suicidam-se também. Creonte acaba sozinho. E arrependido. Épocas distintas a interpretaram distintamente.

Quando Sócrates se encontra em posição similar à de Antígona, não age como ela. Acusado de promover a instabilidade social, o filósofo também invoca a autoridade divina, porém não se exime da necessária obediência às leis da cidade. Para curar a cidade do mal que a afligia, Sócrates se oferece em sacrifício, aceitando docilmente a já esperada condenação. Mesmo quando lhe oferecem a possibilidade de fugir, mantém-se tranquilo e firme, permanecendo na prisão até o fatídico fim. Não aparecem a revolta e o egotismo típicos da mentalidade revolucionária; sua conduta materializa os constantes apelos por prudência feitos durante a peça. **A ordem jurídica e social, especialmente para os antigos gregos, é uma expressão humana do kósmos, e o governante espelha a autoridade de Zeus. O khaos é, por isso, inadmissível e injustificável.**

A interpretação moderna da obra de Sófocles, por outro lado, não comunga dos mesmos princípios. **Hegel estabelece um cânone interpretativo que enaltece o caráter revolucionário de Antígona, colocando-a como campeã do Direito Natural contra a arbitrariedade do Direito Positivo.** Creonte gradativamente deixa de ser humano e se torna representação da vileza e maldade, e sua suposta antípoda é vista hoje como símbolo dos fracos, dos oprimidos, das mulheres, das minorias, dos injustiçados. De duas posições erradas porque exageradas, mas amparadas em altos e dignos princípios, e tornadas incompatíveis pela *hybris* dos porta-vozes, passamos a enxergar duas posições violentamente antagônicas, uma ímpia e cruel contra outra bela e moral. Onde estaria o ponto de inflexão que explica tamanha mudança?

Voltemos a Milton. O famoso episódio edênico traz uma pista importante para o mistério. O ofídio Satanás aproxima-se de Eva e, sibilando elogios com fingida inocência, engana a mãe dos homens e a tenta com o fruto da árvore proibida.

Ó sacra, sábia planta que esclareces,
Mãe da ciência, já sinto o teu poder
Com clareza, não só p'ra julgar
Coisas nas suas causas, mas p'ra traçar modos
De mais altos agentes, cridos sábios.
[X, 679-683]

A ardilosa serpente, com invulgar argumentação, demonstra não haver obstáculo algum em desrespeitar a ordem divina. A razão o garante.

(...) quem fechou
O conhecer o bem e o mal nesta árvore,
Que logo leva à ciência sem licença
Quem quer que dela coma? E onde está
A ofensa, de saber assim o homem?
Que mal fará saberes, lega a árvore
Governo a contragosto do autocrata?
Ou é só ciúme, e pode habitar ciúme
Peitos celestes? Estas, estas e outras
Razões provam-te a falta deste fruto.
Colhe-o, pois, deusa humana, livre prova-o.
[IX, 722-732]

Impressionada – e algo vexada – pela análise reptiliana, Eva cede à mentalidade revolucionária e perde o paraíso. Mas essa não foi a última vez que enfrentamos essa tentação; palavras análogas já foram ditas, e a razão, mais uma vez, foi apresentada como fonte suprema de autoridade e legitimidade. **O razoado do portador da luz é semelhante à proposta do movimento iluminista. Sapere aude!** A grande diferença é que, cansados de fracassar em ser como os deuses, resolveram reduzi-los à estatura humana. **O Século das Luzes tomou para si a malfadada missão de tornar o homem a medida de todas as coisas,** das que são enquanto são, das que não são enquanto não são.

O principal problema da mentalidade revolucionária é a resistência em aceitar a realidade tal como ela é. A busca pela compreensão foi substituída pela imposição de impressões pessoais; **o universo tem o dever moral de se comportar como cada indignado ordenar.** Voltaire, por exemplo, não hesita em denunciar a conclusão metafísica de Leibniz sobre o melhor dos mundos possíveis em virtude da tragédia causada pelo terremoto de Lisboa. Como a razão do francês foi incapaz de adequar um evento natural a uma suposta deontologia cósmica, conclui que não há bondade nesse mundo. Rousseau, por sua vez, defende submeter todas as pessoas à abstrata Vontade Geral, que naturalmente só é acessível a determinados iluminados. **A vaidade e arrogância alcançaram níveis diabólicos.**

A revolução evoluiu e trouxe uma consequência inevitável: a ruína do gênero humano. A razão é uma faculdade eminentemente comparativa. Sem parâmetro certo que a sustente, toma o comum por regra. A mediocridade, por sua vez, não é estática; está fadada a quedas sucessivas, desbravando novos limites de profundidade. **Inspirados no mergulho da Queda, os homens vão descendo a passos largos.** Do semideus iluminista, simulacro caricato dos primeiros pecadores, passamos à dessacralização absoluta, sendo o ideário marxista especialmente notável. **O materialismo revolucionário de Marx é a ideologia dos derrotados; incapazes de se comportar dignamente para merecer o céu, resolvem construir um paraíso terrestre em compensação.** *A cultura comunista, proliferando-se na chaga aberta pela razão iluminista, cria uma legião de ressentidos, vítimas da própria inveja e miséria espiritual.* O fracasso que a inspira e o ódio que fomenta já se aprofundaram; chegamos na bestialização niilista, em que o repúdio à realidade é violento e declarado, mas a soberba sem limites que a sustenta é escondida desesperadamente. Passada a selva escura, vê-se nítido o portão de Rodin. *Lasciate ogni speranza voi ch'entrate.*

O vírus revolucionário conseguiu fazer da política centro e ápice das preocupações humanas, coletivizando problemas e soluções. Deseja-se o controle do destino de toda a humanidade, pois cada um sabe perfeitamente como o outro deve se comportar. O cuidado com a própria alma, e ações prudentes, boas e voluntárias são consideradas covardia e hipocrisia. Tamanha falta de amor é repulsiva para Deus, e lhes garante – na visão dantesca – um desfecho equivalente ao mal cometido. Aos instigadores de conflitos sociais, grosso contingente dos exaltados, o nono vale do Malebolge oferece eterna mutilação pelas mãos de um enorme demônio, fazendo-os sofrer no corpo o que causaram na sociedade; aos traidores da pátria, Antenora, segundo anel do Cócito, garante serena imobilidade, mantendo seus cativos imersos até o pescoço no gelo; aos mais ousados, traidores dos senhores e benfeitores, Judeca, centro do Cócito e morada do Inimigo, dá paz e tranquilidade: permanecem totalmente imersos no gelo e plenamente conscientes. Insensíveis ao paraíso outrora perdido, altivos resolvem rejeitá-lo, repetindo a fórmula de seu diabólico tutor:

“É MELHOR SER REI NO INFERNO DO QUE SERVIR NO CÉU.”





Um Lacerdista e um Getulista entram num Bar...

PAULO SANCHOTENE

Personagens: Gerônimo e Laércio

Cenário: numa mesa de bar, coberta com garrafas de cerveja, dois amigos conversam acalorada e animadamente.

– CENA –

[Gerônimo] Pois te digo que, para mim, o Brasil ainda é getulista.

[Laércio] Infelizmente...

[Gerônimo] O quê?! Vais dizer que o regime “Café-com-Leite” era melhor agora?

[Laércio] Não. Não é isso. Só quem gosta da República Velha é paulista! A República Velha morreu... de velha! Mas, sinceramente, acho que Getúlio não trouxe uma mudança substancial. O Estado Novo seria mais uma “releitura” daquilo que já havia. O Brasil, de fato, como dizes, é getulista. Agora, até que ponto isso é verdade? Até que ponto Vargas não representaria uma continuidade? Essas seriam as perguntas-chave.

[Gerônimo] Hmm... Okei... Interessante. Deixa-me ver se entendi. Antes de respondermos essas perguntas, podes me esclarecer por que achas infeliz o Brasil ser getulista?

[Laércio] Eu não consigo entender essa tua adoração ao Vargas.

[Gerônimo] E eu não entendo essa tua aversão!

[Laércio] É. Sempre preferi o Lacerda.

[Gerônimo] Tu sempre gostaste de ser oposição!

[Laércio] Hahahahaha! Verdade. Realmente, é mais fácil do que ser governo.

[Gerônimo] Deverias usar isso em consideração ao analisar Getúlio. Ele pegou um país em grave crise econômica, politicamente dividido e desgastado, e não só restaurou o sentimento patriótico como foi responsável pela industrialização do Brasil. Quem colocou o Brasil no século XX foi Vargas!

[Laércio] Mas a que preço? Através da centralização de poder, controle social, inchaço da máquina pública... Ele alterou até a língua portuguesa! Como fazer com que os brasileiros crescamos e amadureçamos sem liberdade e dependentes da benevolência de déspotas esclarecidos e seus sectos de burocratas?

[Gerônimo] Ora... A necessidade de um executivo forte é real. Tu leste O Federalista. Tu sabes! É compatível com uma república democrática. Aliás, mais que compatível. Publius afirma ser necessário! Não precisa ser um ditador – ainda que se admita a possibilidade de ser a única saída.

[Laércio] Sim, eu li. Eu lembro. É dito tudo isso aí, mesmo. Mas não respondeste minha pergunta.

[Gerônimo] Getúlio fez o que era preciso. Depois, ele instituiu os meios para uma república democrática. Inclusive, concorreu à presidência em eleições livres e venceu.

[Laércio] Por outro lado, não conseguiu conviver com a oposição e matou-se. E em política é fundamental saber governar com a oposição. Aliás, esse é um ponto que Lacerda cansou de fazer e que sempre faltou no Brasil desde o início da República. Getúlio não foi nosso primeiro ditador – foi precedido e sucedido por outros. Antes da proclamação, oposição e governo conviviam no Império. É de se pensar se a própria república não teria dado causa a essa nossa necessidade de ditadores. Mais, se o objetivo do ditador é rapidamente deixar de ser necessário (em Roma, o prazo era de 6 meses a um ano), por que as nossas ditaduras foram tão longas e tiveram que ser extintas na base de muito esforço?

[Gerônimo] Ora! Não havia democracia no Império!

[Laércio] Comparado com outros países na mesma época, o Brasil – mesmo com escravidão e voto censitário e exclusivamente masculino – era um dos países com mais eleitores do mundo. E não era só isso. Era permitido falar-se mal do Imperador na imprensa sem qualquer receio de ser preso. Por alguma razão, essa liberdade política desaparece na república. Getúlio não contribuiu para sua restauração; muito antes pelo contrário. Tanto que assumiu em 1930 e só saiu da presidência 15 anos depois; deixando de herança ainda órgãos repressores como o DIP e o DOPS.

[Gerônimo] Pára. Estás falando o que não sabes. O DOPS é pré-Getúlio, e o DIP foi extinto por Dutra.

[Laércio] Tudo bem. Correção aceita. De fato, Getúlio não inventou controle social. Porém, ele aprimorou-o no Brasil a níveis até então jamais vistos no país. E isso teve consequências.

[Gerônimo] Só que é preciso considerar que o clima político no Brasil era nauseante à época, com o crescimento de forças extremistas, como os integralistas e os comunistas. Só alguém muito ingênuo para crer que houvesse condições para o funcionamento de instituições democráticas.

[Laércio] Espera. Eu aceitei a premissa romana que trouxeste ao falar d'O Federalista. Voltemos um pouco àqueles pontos. Sim, há momentos e questões em que deliberações são contraproducentes; em que é preciso agir rápido e decididamente. Mas tu mesmo disseste que isso seria compatível com regimes democráticos – i.e. onde políticos, legisladores, e reguladores respondem à e estão sob controle e vigilância da população. Não disseste isso?

[Gerônimo] Disse, mas estás fugindo do ponto que fiz.

[Laércio] Calma. A minha refutação ao teu ponto é simples. Getúlio (e Deodoro, e Floriano, e os demais ditadores militares, e os ditadores estaduais, e os outros tantos ditadores brasileiros) não trabalhou para que essas condições fossem estabelecidas. O resultado é que hoje “democracia” tornou-se uma palavra vazia. Nem sabemos mais o que seja.

[Gerônimo] Mas Getúlio entregou um regime democrático!

[Laércio] Assim como os militares entregaram em 1985? Aliás, os militares nem precisaram inventar nada. As estruturas repressoras estavam montadas, ainda que algumas com outros nomes, ou realocadas noutros órgãos. Mais importante, no entanto, é o fato de os repressores estarem ali. Getúlio assegurara que a mudança de regime não afetaria nem a ele e nem a seus aliados. Não é exagero afirmar haver uma linha de continuidade de Deodoro da Fonseca até hoje.

[Gerônimo] Até 1985, não?

[Laércio] Não. Até hoje. Tu mesmo disseste que o Brasil é getulista! Se é, então é até hoje. Se não, terias dito “foi”.

[Gerônimo] Mas hoje não há aparatos de repressão.

[Laércio] Hahahaha! Mas quem é o ingênuo agora? Os meios podem ser diferentes, mas a mentalidade está presente. Um dado para ti: desde 2013, Brasil só esteve uma vez entre os 100 países com maior liberdade de imprensa no mundo – 99º, em 2015! Só não deve ser por mais tempo, pois o Brasil não fazia parte do levantamento antes. Nós acabamos de passar por uma CPI sobre “fake news”. Diversos perfis de redes sociais são bloqueados diariamente. A premissa é pecar pelo excesso de controle; não, pela preservação da liberdade. Quando te referias ao Brasil ser getulista, se não era a isso, era a quê? A um executivo forte?

[Gerônimo] Não. Até porque não temos um.

[Laércio] Exato. Então a quê?

[Gerônimo] Me referia à preocupação com os pobres, a um estado forte, presente e atuante, ao sindicalismo...

[Laércio] E só existe a maneira getulista de ajudar os pobres.

[Gerônimo] Não. Só que tu hás de concordar, é Getúlio quem coloca essa questão no centro da política nacional.

[Laércio] Bom ponto. Terei mesmo que concordar, pois não vejo como refutar isso agora. Aceito como verdadeiro, sem problemas.

[Gerônimo] Bah... Agora, vem. Nem falaste ainda, mas te conheço...

[Laércio] Hahahahaha!!!

[Gerônimo] Tenho que estar preparado!

[Laércio] Pois bem, pronto?

[Gerônimo] Sim. Manda bala.

[Laércio] Ao não se permitir o debate político sobre o tema (ou qualquer outro tema!), a solução empregada acaba transformando-se na única aceitável. Isso é um problema sério. Política, como ensinou Lacerda, é uma interminável busca por respostas adequadas a circunstâncias momentâneas. Em suma, não há espaço para ideologias. Nesse sentido, Getúlio errou até quando acertou. Se o Brasil é getulista, é sinal que estamos pagando por esses erros até hoje.

[Gerônimo] Agora te entendi. Não tenho resposta para ti agora. Vou ter que pensar nisso.

[Laércio] Eu também tenho muito o que pensar. Podemos voltar ao assunto quando quiseres.

[Gerônimo] Combinado. Mas é inegável a importância do Getúlio na história política brasileira.

[Laércio] Certamente. Isso não se pode tirar dele. Mas eu ainda prefiro o Lacerda!

[Gerônimo] Hahahahahaha!!! Claro que sim. Não sei como te aguento...

[Laércio] Tu és meu amigo. É por isso. Eu também te aguento!

[Gerônimo] É verdade! Ainda bem que somos amigos.

[Laércio] Ainda bem. Isso merece até um brinde. Mais uma rodada?

[Gerônimo] E precisa perguntar? Já estou com a garganta seca. [Garçom, mais uma cerveja por favor!]

Luzes, câmera, revolution!

BRUNA TORLAY



Luzes, câmera, revolução! Não é preciso compor manuais pedagógicos sobre os delírios da esquerda, uma vez que a sétima arte os pintou em todas as cores nas quais ele tem se apresentado aos nossos olhos. O bom-senso é invisível e pode capturar, através da visível crueldade do legado político esquerdista, o sentido profundo de sua permanência e prestígio entre nós, já de alguns séculos para cá. Reveja alguns clássicos carregados dos símbolos maiores dos delírios da esquerda e descubra os sinais do pensamento negativo que persistem em sua mentalidade.

1. A inglesa e o Duque, de Eric Rohmer (2001)

Verdadeiro achado no universo do cinema e obra originalíssima do vencedor do leão de ouro Eric Rohmer, o filme relata o romance entre uma aristocrata escocesa residente em Paris e partidária da Monarquia e o Duc d'Orléans, primo do rei em exercício durante a Revolução Francesa, Louis XVI, e simpático aos revolucionários, a ponto de ter votado pela execução do monarca. O romance sofre conforme se elevam as tensões políticas durante o Terror, ao qual



Grace Elliot, autora das memórias que serviram de base ao roteiro do filme, é absolutamente contrária, sendo inclusive suspeita de espionagem por parte dos lunáticos jacobinos e correndo o risco de perder a cabeça na primeira máquina de matar indolor da história revolucionária.

2. A Religiosa, de Jacques Rivette (1966)

O filme é uma adaptação extremamente fiel da novela *La Religieuse*, de Diderot, poderosa sátira contra os conventos escrita pelo ícone do iluminismo literato francês. O drama de Suzanne Simonin é ser condenada a se tornar religiosa, morrer para o mundo de modo a expiar a relação adúltera de sua mãe, de que é o fruto. Mesmo implorando à família que a deserdassem, Suzanne é obrigada a abraçar a vida religiosa contra a sua vontade. De convento em convento, a jovem virtuosa e de fé ina-



balável sobrevive a experiências cruéis, lascivas e traumáticas, até pedir a anulação dos votos e, sem sucesso, acabar escapando do convento para acabar vivendo acoitada e profundamente deprimida. Atacando violentamente a igreja sem apedrejar diretamente o sentimento religioso, Diderot foi eficiente em legar ao ocidente a imagem de uma “igreja perversa” que muitos julgam a única verdadeiramente apropriada, desassociando virtude e prática religiosa

de modo a louvar, indiretamente, a virtude do ateísmo. Em 2013, o clássico francês ganhou remake com Isabelle Huppert no papel de uma das madres superiores centrais na trama.

3. O Padre, de Antonia Bird (1994)

Na esteira aberta por Diderot na segunda metade do século XVIII, tornou-se um motivo recorrente explorar os dramas pessoais de homens e mulheres de religião com a finalidade de questionar a estrutura da igreja e sua respectiva legitimidade. Nesse filme sensível e tocante escrito por Jimmy McGovern e dirigido por Antonia Bird, o protagonista vive o conflito entre a busca pela santidade e o desejo carnal, encarnando o estereótipo banalizado



do padre com inclinações homossexuais condenado por uma sociedade hipócrita. Com esquemas mentais plenamente iluministas e anticlericais, o filme exprime de forma precisa a visão predominante sobre a igreja católica na modernidade: instituição humana por meio da qual a salvação é impossível.

4. Festa de família, de Thomas Vinterberg (1994)



Pensavam os teóricos da escola de Frankfurt que os males do mundo tinham origem nos defeitos próprios à civilização ocidental, sendo portanto necessário destruí-la para consertar o mundo. O símbolo maior do ocidente é a família, instituição chave para a defesa inveterada e irrestrita da propriedade privada e do patrimônio, e bem, é este o alvo do brilhante diretor Thomas Vinterberg neste filme de 1994 que abriu a série dinamarquesa do movimento chamado “Dogma”, claramente revolucionário

quanto aos temas e forma plástica. O cerne desse filme é a malha corroída que mal suporta os vínculos familiares, marcados pela hipocrisia e pelo abuso de poder. Se Marx e seus herdeiros tiveram dificuldades em dar uma pedrada no imaginário comum, quanto ao valor inexorável da família, Vinterberg concluiu a lição com êxito.

5. A Queda, de Oliver Hirschbiegel (2004)

O magistral Hitler de Bruno Ganz torna esse filme inesquecível, apesar de serem inúmeros os atores já desafiados a encarnar o líder nacionalista revolucionário alemão. O filme registra as últimas horas de Hitler, no cair das cortinas da segunda guerra mundial, quando a situação da Alemanha era irreversível. Diante da derrota iminente, a solução do apadrinhado de Agamemnon, filho de Hegel e assecla de Lúcifer é matar-se, assim como a de seus braços direitos e respectivas famílias, símbolo de que a finalidade da vida, para esse ícone do esquema mental revolucionário é o poder. Fora do poder, nada existe para quem vive para a revolução. Ainda que o nazismo tenha explorado o patriotismo como método de propaganda, esta nitidamente marcada pela predileção pessoal de Hitler pela Grécia irracionalista pré-filosófica (aquela de Agamemnon onde imperava o poder do mais forte), não há ideologia tão explicitamente sediciosa, catilinária, ou revolucionária, assim presente à nossa imaginação.



6. O encouraçado Potemkin, de Serguei Eisenstein (1925)



Não dá pra começar a falar de cinema como propaganda sem analisar esse clássico da arte a serviço da Revolução. O roteiro do filme é simples: é uma versão dramatizada de uma rebelião ocorrida em 1905, na qual os tripulantes do navio de guerra Potemkin se revoltam contra seus oficiais superiores. Toda a caracterização dos blocos postos em oposição é pensada para conduzir as simpatias dos espectadores aos marujos sediciosos, e a antipatia aos oficiais superiores, associando, na psique da plateia, catarse e inversão da ordem de poder. Peça de propaganda magistral

que explora o ponto fraco do ser-humano (sentimentalismo) com um profissionalismo de deixar o antigo sofista, e mestre da propaganda, Górgias boquiaberto. Isso porque se trata de um filme mudo. Lembrou da cena do carrinho de bebê rolando escadaria abaixo? É esse mesmo.

7. A Greve, de Serguei Eisenstein (1924)

Imagine você um filme aberto com uma citação de Lenin?

“A força da classe trabalhadora é a organização. Sem organização das massas, o proletariado não é nada; organizado é tudo. Ser organizado significa unidade da ação, unidade da atividade prática”.

Eis a cena inicial do filme mudo anterior ao Encouraçado Potemkin, mas igualmente centrado em criar uma fábula comunista com propósito claramente político. Um operário de uma fábrica de mata após ter sido injustamente acusado de roubo pela chefia, o que desencadeia um movimento coletivo por parte dos demais funcionários, cuja proporção se eleva a tal ponto que apenas a interferência militar pacifica o drama. Os ingredientes da cartilha socialista estão todos aqui, e vale lembrar que Eisenstein, um criador admirável, esteve a serviço de Lenin durante as décadas de ouro do comunismo, empenhando-se na propaganda soviética, até cair em desgraça quando Stálin chega ao poder. O delírio marxista em língua russa foi eternizado em seus filmes, que merecem atenção de todo cineasta e estudioso da alma (e loucura) humana.



8. As Sufragistas, de Sarah Gavron (2015)

Esse filme franco-britânico estrelado por estrelas do calibre de Carey Mulligan, Helena Bonham Carter, Meryl Streep reconta a trajetória das primeiras feministas, conhecidas como sufragistas em virtude de sua mobilização pela aprovação do voto feminino, da forma romantizada como nos habituamos a encará-las. O drama biográfico escrito por Abi Morgan retrata as protagonistas como heroínas, fornecendo à narrativa contemporânea do “empoderamento” uma espécie de marco histórico.



Vale indicar que o clássico Mary Poppins, estrelado por Julie Andrews, retrata de forma satírica uma simpatizante do mesmo movimento, sendo recomendável que corações frágeis comparem as películas para alcançar uma visão minimamente lúcida do significado geral do movimento, do ponto de vista da condição humana. O sonho de resolver no mundo o que se abandona no próprio interior é a tragédia não-contada das ativistas hoje redescritas como mártires da política igualitária.

9. Hair, de Milos Forman (1979)

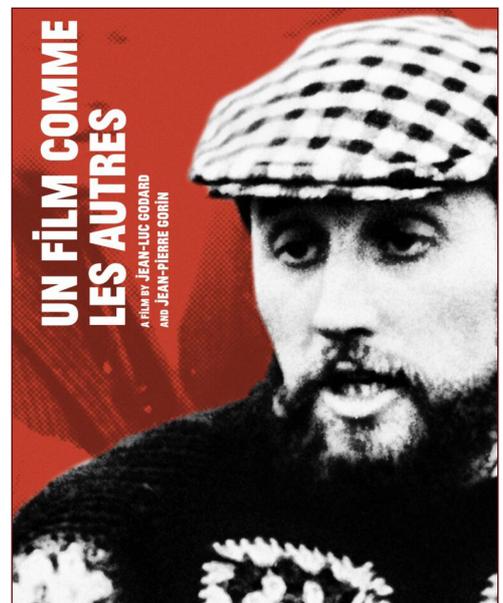


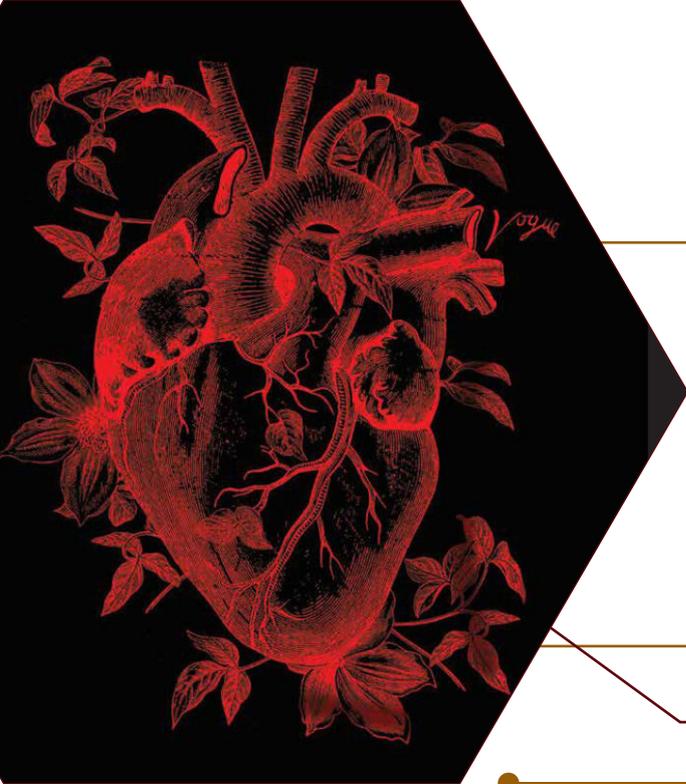
A Nova Era em poesia e prosa, ou musicada e incrivelmente bem descrita. A trama gira em torno da deserção de um jovem, ao ser convocado para lutar na guerra do Vietnã. O cerne do filme é a valoração da vida hedonista e a recusa do dever para com a nação, isto é, a troca do patriotismo pelo desfrute da vida privada, regada a música, diversão e muitas cores. Poucos filmes retratam com tanta fidelidade o estilo de vida da NOva Era, complemento insuspeito da Revolução cultural, uma vez que nasce da recusa dos pilares da

civilização, entre os quais o compromisso com a comunidade em nome da defesa da liberdade no ocidente. Lição fundamental de auto-conhecimento para todos os maiores de 60 anos.

10. Um filme como outro qualquer, de Jean Luc-Godard (1968)

Começamos na França e ali terminaremos essa lista que justapõe matizes do delírio esquerdista para que você consiga achá-lo em seu interior, tamanha a força com que eles nos abraçam. Maio de 1968 é a data icônica da Revolução Cultural, cujo espírito move o clássico manual do jovem revolucionário de elite, a ficção La Chinoise, de Godard, mas é literalmente documentada nesse documentário. Em síntese, temos aqui uma série de discussões entre estudantes e trabalhadores sobre o que aconteceu em Paris no fatídico ano que repete as loucuras de 1789; desde a ocupação das fábricas e a atuação da polícia até o desejo de revolução por parte dos estudantes envolvidos, tudo intercalado com sequências de documentários silenciosos dos acontecimentos de Maio de 1968. Chato e necessário para extirpar da sua alma as últimas gotas do ideal revolucionário que habita às sombras de nossos maiores pesadelos. Vai encarar?





Miocárdio

VITOR MARCOLIN

Quando ceder à tentação é fatal

Chico despertou assustado, sentia o coração descompassado, a arritmia preocupava-o. Ele diria, no entanto, que o peso na consciência devido aos fatos ocorridos na véspera era ainda pior que as dores no peito. Chico sofria pelo remorso. Levantou-se e abriu a janela: era o breu. Esquecera-se de como as noites do interior eram densas, profundas; eram noites mais verdadeiras que as noites da cidade. Chico aspira gostosamente o aroma adocicado do orvalho, e crê-se melhor. Mesmo assim, não pode voltar para a cama. Prepara uma mala miúda, entra no carro e sai.

Não vê nenhum outro veículo até deixar a poeirenta estrada de terra e alcançar o asfalto da rodovia. Segue sentido oeste, mais para o interior. Seus pensamentos o atormentam, lembranças ainda frescas da véspera; ele sente um nó na garganta. Depois de duas horas de viagem, Chico avista pelo retrovisor os primeiros raios do crepúsculo. Ele arria ligeiramente a janela do carro e sente o ventinho ainda frio da manhã. Depois de superar algumas curvas sinuosas num pedaço de serra, o homem alcança um percurso retilíneo a perder de vista. A aparente infinitude da estrada o impressiona; ele imagina que pode dirigir até o encontro do horizonte com o céu.

Passam-se as horas e Chico sente fome, precisa comer, descansar e talvez encontrar alguma moita à beira da estrada para se aliviar. À frente, avista uma capela pequenina nos limites do cercado de uma propriedade rural. Decide parar ali. Ninguém à vista. Chico pára o carro. Estranhamente, sua arritmia volta com mais força e seus pensamentos ficam perturbados. Por que fizera aquilo? Por que a enganara? Não havia outro meio? Quais consequências aquelas suas ações trariam à sua família?... À vista da capela, Chico sente mais intensamente o seu remorso; não tem mais fome, suas necessidades fisiológicas são suprimidas pelas demandas mais urgentes da sua consciência. “Ah, se eu pudesse falar com um Padre!”. Mas a capela está vazia.

De volta à estrada, o homem perturbado dirige até o cair da tarde. Mas não é com alívio que ele avista, no lusco-fusco, o que aparentemente é uma pousada no alto de uma colina. Não quer ficar, mas não tem escolha: antes de estacionar o carro, Chico nota a luz laranja do indicador de combustível a piscar no painel. Uma dor sutil no peito traz novamente as lembranças da véspera, Chico tem uma crise no carro: chora, puxa os cabelos, esmurra o volante, grita... Violentemente bate a porta do carro e nota, surpreso, que já é noite. O homem apresenta-se na recepção da pousada.

O lugar é sinistro. Mas antes de começar a pensar na estranheza do ambiente, Chico surpreende-se com a visão de uma mulher: Jezabel, a esposa do dono da pousada. Ao vê-la, Chico constrange-se, está abarrotado pela crise que tivera há pouco, no carro. Sem graça, passa desajeitadamente as mãos pelos cabelos e tenta, sem sucesso, ajustar a gola da camisa.

– “Boa noite, posso ajudá-lo?” –, pergunta Jezabel.

– “Boa noite, moça. Eu só estou procurando um lugar pra passar a noite. Coisa simples. Eu sigo viagem pela manhã, depois do café” –, responde Chico, ainda meio constrangido.

– “Claro, querido! Qual é o seu nome?” –, pergunta Jezabel.

– “Francisco Gomes Machado, mas pode me chamar de Chico”.

– “Chico?!, que graça. Tá bem, vamos fazer o seu cadastro”.

Jezabel é uma mulher atraente; desde que a viu, Chico parece ter se esquecido das suas angústias. Ela tinha olhos de uma tonalidade indefinida, a blusa vermelha exageradamente pregada ao corpo dava-lhe uma silhueta perfeita, como se esculpida. Dos pés à cabeça, Jezabel tinha cada coisa em seu devido lugar, tudo muito bem disposto pela generosidade da natureza. Chico decidiu, depois de pensar por alguns momentos, que a cor dos olhos da mulher era um misto entre o verde e o cinza. Mas ele não tinha certeza, nunca tivera de classificar a tonalidade dos olhos de ninguém, nem mesmo os de... Chico sentiu-se tontear. Uma súbita náusea queimava-lhe por dentro.

– “Moça, eu...” – começa Chico.

– “Pode me chamar de Bel, meu bem” – intervém a mulher.

– “Eu só preciso de um quarto para passar a noite. Tá bem, Dona Bel?!” – termina ele alterando a voz.

– “Pobrezinho, você não parece nada bem. Posso preparar um chá e levar pra você diretamente no quarto. Geralmente, meu marido não gosta que eu sirva os hóspedes, mas ele saiu, foi à cidade e só volta na próxima semana; posso fazer o que eu quiser, Chiquinho” – diz Jezabel, rindo maliciosamente.

– “Escuta, sua piranha, eu não quero beber chá nem comer você, ouviu?! Só vou pernoitar nesta espelunca porque não encontro lugar melhor pra ficar. Juro que vou embora assim que os primeiros raios de sol alumiares esta terra esquecida por Deus!” – disse Chico fora de si.

– “Não precisa ser rude, Sr. Francisco. Aqui está a chave do seu quarto. Eu estou acostumada a receber hóspedes como o senhor” – disse Jezabel estranhamente calma e ainda provocativa.

Quando chegou ao quarto, Chico arrancou a camisa com tamanha violência que meia-dúzia de botões caíram no assoalho de madeira. Começou a praguejar quando se deu conta de que esquecera a sua mala miúda no carro. Mas estava tão cansado que decidiu deitar e dormir assim como estava. O sono não tardou. De madrugada, Chico acorda assustado; o suor escorre-lhe da fronte e molha o travesseiro. As palpitações no peito são tão intensas que o homem contorce-se na cama. Com efeito, Chico não sabe se despertou de fato ou se está sonhando, pois sua cabeça roda, suas têmporas latejam, seu corpo arrepiava-se.

Talvez ele tenha gritado, talvez tenha tido outra crise – desta vez fortíssima –, talvez tenha pedido por ajuda. Jezabel está no quarto. Chico não sabe precisar quando ela entrou. A mulher gentilmente o acaricia no rosto, com as mãos nuas limpa-lhe o suor... Ela está tão próxima a Chico que este pode sentir-lhe o calor do corpo. Ele estranha as roupas da mulher: uma camisola leve e semi-transparente, tão fina que Chico pode distinguir perfeitamente sua silhueta de cima a baixo. Sua cabeça continua a rodar... O homem tenta esboçar reflexões, conjecturas, justificativas: “Ela deve estar vestida assim porque saiu da cama às pressas para me acudir quando me ouviu gritar. É isso”, concluiu Chico.

O homem sente que vai morrer. Chama por um Padre:

– “Um Padre! Pelo amor de Deus, eu preciso de um Padre! Quero me confessar!” – grita Chico.

Jezabel continua ao seu lado. Impassível.

– “Eu sou um assassino, Dona Bel. Um assassino. Matei a minha própria mulher por ciúmes. Por ciúmes. Um ciúme doentio. Todos os dias eu tentava... Eu não queria... Mas ele me convenceu. Ele... Diabo... o Demônio...” – Chico esforçou-se, mas perdeu a consciência. Não era remorso, era arrependimento...

- “Fala, Severino! Muito trabalho, meu filho?”.
- “Ô, seu Pedro, e como. Esse necrotério tá um inferno!”.
- “Há! Há! Há! Francamente, Sevê, não sei como você consegue dar conta do recado”.
- “É a luta, a labuta. Cada um se vira como pode. Meu trabalho é ser despachante de defunto”.
- “Pois é. Escuta, e aquele presunto sortudo?”
- “Quem? Aquele sujeito que morreu no Motel da Bel na semana passada?”.
- “É!”.
- “O médico legista disse que foi infarto, acredita?”
- “Caramba! A Bel é um terror! Há! Há! Há!”.
- “É. Há! Há! Há! Infarto do miocárdio”.



